

# EM GUARDA

ANO 3

Para a defesa das Américas

N. 4



ALMIRANTE KING

# "A VITÓRIA SERÁ NOSSA"



**A**INDA estão por se travar as batalhas decisivas da guerra; campanhas custosas e sangrentas ainda aguardam as Nações Unidas no caminho da vitória; mas seus planos de ação estão sendo elaborados em bases sólidas, conforme evidenciam as ofensivas lançadas em todas as partes do mundo. Os aliados estão agora prontos para traçar o curso final da guerra, detalhando as operações militares necessárias para arrasar a máquina de guerra da Alemanha e do Japão, assim como estão acordes em orientar a cooperação das Nações Unidas e suas associadas para uma paz duradoura.

No Cairo, o Presidente Roosevelt, o Primeiro Ministro Churchill e o Generalíssimo Chiang Kai-shek decidiram sobre as operações conjuntas para incrementar a pressão contra o Japão. Em Teheran, os líderes britânicos e norte-americanos, juntamente com o Marechal Stalin, da Rússia, chegaram a um completo acordo quanto ao momento oportuno em que deverão atacar por todos os lados os exércitos de Hitler. De igual importância é o fato de serem afirmados, em ambas reuniões, os objetivos pelos quais estão se batendo as Nações Unidas e os ideais que justificam a sua coesão.

Os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a China mais uma vez declararam, no Cairo, que não ambicionavam proveitos nem expansões territoriais. Acrescentaram ainda que, quando o Japão fosse forçado a se render incondicionalmente, perderia todos seus territórios anexados pelo força durante a última metade deste século, e que, em tempo oportuno, a Coreia se tornaria independente. Em Teheran, os Srs. Stalin, Roosevelt e Churchill anunciaram a sua determinação para obter a cooperação de todas as nações, grandes e pequenas, num conjunto universal de nações democráticas. Em declaração feita separadamente, garantindo a independência do Irão, proclamaram novamente a sua adesão à Carta do Atlântico, norma da política das Nações Unidas. De acordo com essa política, as Nações Unidas assumiram mutuamente o compromisso de que:

Não procuram nenhum engrandecimento territorial ou de qualquer outra natureza;

Não desejam que se realizem modificações territoriais que não estiverem de acordo com a vontade, livremente expressa, dos povos atingidos;

Respeitam o direito de todos os povos de escolherem a forma de governo sob a qual haverão de viver; e desejam a restituição dos direitos soberanos e da independência aos povos que deles foram despojados pela força;

Com devido respeito às obrigações existentes, empenhar-se-ão para que todos as nações grandes e pequenas, vencidas ou vencedoras, tenham acesso, em igualdade de condições, ao comércio e às matérias primas do mundo, necessárias à sua prosperidade econômica;

Desejam dar cumprimento, no terreno econômico, à mais completa colaboração entre todas as nações, com o fim de conseguir para todos, melhores condições de trabalho, assim como prosperidade econômica e segurança social;

Depois da destruição completa da tirania nazista, esperam se estabeleça uma paz que proporcione a todas as nações, os meios de subsistir em segurança dentro de suas próprias fronteiras e que garanta a todos os povos da terra uma existência livre de medo e de privações;

Essa paz permitirá a todos a liberdade dos mares; Acreditam que todas as nações do mundo, por motivos realistas e espirituais, deverão abandonar o emprego da força e, enquanto não se estabelecer um sistema permanente de segurança geral, é essencial desarmar as nações agressoras.

As reuniões realizadas em Teheran e no Cairo devem ter posto um termo a qualquer expectativa do Eixo, de que as Nações Unidas pudessem ser divididas. Realizam-se depois de meses, durante os quais, milhões de pessoas tinham se esforçado lado a lado, para um mesmo

**Da conferência** realizada em Teheran resultou o grande plano para a vitória dos aliados no Europa. Vê-se na gravura à esquerda o Marechal Stalin, da Rússia, o Presidente Roosevelt dos Estados Unidos e o Primeiro Ministro Churchill da Grã-Bretanha, pouco depois da histórica conferência

EM GUARDA é publicada mensalmente para o BUREAU DO COORDENADOR DE ASSUNTOS INTER-AMERICANOS, Commerce Building, Washington, D. C., pela Business Publishers International Corporation. Redação: 330 West 42nd Street, Nova York. Oficinas: 5601 Chestnut Street, Filadélfia. Classificada como impresso de segunda classe no correio de Filadélfia, Estados Unidos da América, nº 3 de Abril de 1941, de acordo com a lei de 3 de Março de 1879. Ano 3, N. 4.

## O COMUNICADO DE CAIRO

O Presidente Roosevelt, o Generalíssimo Chiang Kai-shek e o Primeiro Ministro Churchill, acompanhados de seus respectivos assistentes militares e diplomáticos, realizaram uma conferência na África do norte. Após a conferência deram à publicidade o seguinte comunicado:

"As várias missões militares concordaram na realização de futuras operações militares contra o Japão. Os três grandes aliados expressaram a sua resolução de exercer incessante pressão contra os seus brutais inimigos, no mar, no ar e em terra. Esta pressão já começa a ser feita.

"Os três grandes aliados estão lutando na presente luta para conter e punir a agressão do Japão. Não ambicionam ganhos para si mesmos nem pensam tão pouco em qualquer expansão territorial. Os seus objetivos são que o Japão seja expulso de todas as ilhas do Pacífico, de que se apossou ou que ocupou a partir da primeira guerra mundial de 1914, e que todos os territórios que o Japão tomou dos chineses, tais como a Mandchúria, a ilha Formosa e a ilha dos Pescadores sejam reintegrados na república chinesa. O Japão será também expulso de todos os outros territórios que tomou por intermédio de violência e de ambição. As três grandes potências acima enumeradas, cõncias da escravização que sofre o povo da Coreia, encontram-se determinadas a que, em tempo oportuno, aquele país se torne livre e independente.

"Com semelhantes objetivos em vista, os três aliados, em harmonia com aqueles das nações unidas em guerra contra o Japão, prosseguirão na realização de sérias e prolongadas operações necessárias para se alcançar a rendição incondicional do Japão."

## A DECLARAÇÃO DE TEHERÁN

"Nós, o presidente dos Estados Unidos da América do Norte, o primeiro ministro da Inglaterra e o premier da União Soviética, estivemos em conferência durante os quatro últimos dias nesta capital do Irão, nosso aliado, traçando e confirmando a política que será por nós observada. Manifestamos de público a nossa resolução de que os nossos países continuem a agir em conjunto tanto na guerra como na paz que se seguirá.

"No que toca às operações militares, os nossos estados maiores reuniram-se, discutiram e organizaram os planos para a destruição das forças alemãs. Chegamos a completo acôrdo quanto aos objetivos e ocasião das operações militares que serão iniciadas nas frentes meridional, ocidental e oriental.

"O acôrdo a que chegamos nos assegura a vitória.

"Quanto aos nossos objetivos de após guerra estamos certos de que o nosso bom entendimento proporcionará a construção de uma paz duradoura. Estamos absolutamente cientes da enorme responsabilidade que pesa sobre os nossos ombros e sobre todas as nações unidas no que se refere a organizar esta paz sobre bases tais que possa contar com a boa vontade da grande maioria dos povos e eliminar os sofrimentos e terrores da guerra por muitas gerações.

Assistidos por nossos conselheiros diplomáticos, passamos revista aos principais problemas futuros. Procuraremos a cooperação e participação ativa de todas as nações, grandes e pequenas, cujas populações, como a dos nossos países apoiam sincera e concientemente a eliminação da tirania, da escravidão, da opressão e da intolerância. Todas as nações serão bem vindas numa família mundial de países democráticos.

"Não há poder humano capaz de impedir que destruamos, em terra, os exércitos alemães, nos mares, os seus submarinos e, do ar, as suas indústrias bélicas. Os nossos ataques não cessarão e serão cada vez mais violentos.

"Estas conferências amistosas nos permitem olhar, com confiança para o dia em que todos os povos do mundo poderão viver livres da tirania e de acôrdo com a sua consciência e os seus próprios desejos.

"Viemos para a presente reunião com esperanças e decisão: ao concluí-la nos separamos ligados por verdadeiros laços de amizade espiritual e de ideais.

(Assinada em Teherán a 1 de dezembro de 1943.)

"Roosevelt, Stalin, Churchill"

## (Continuação)

objetivo — a destruição dos exércitos do Eixo. Nesses meses, as nações amantes da paz mobilizaram todas as suas energias para as grandes provas da guerra.

Nos Estados Unidos, metade da população estava empenhada no trabalho de guerra — nas fábricas, nos transportes, na agricultura e nas forças armadas. Mais de dez milhões de homens estavam em armas e a mobilização continuava. Os campos de preparação militar, que antes estavam repletos de soldados jovens e solteiros, estão agora cheios de homens de 35 anos de idade, pais de família, sendo organizados em divisões para constituir as primeiras tropas de reforço. Nas fábricas, numerosas mães trabalham na fabricação de armas para serem usadas por seus maridos e seus filhos.

As fábricas que nos primeiros meses da guerra estavam produzindo aviões às dezenas estão agora produzindo às centenas. No momento em que os líderes se reuniam no Cairo e em Teheran, a produção de aeroplanos de guerra tinha alcançado o total de quase 9.000 por mês, sendo que 1.000 deles eram bombardeiros pesados. A construção de navios também aumentou, sobretudo daqueles destinados a operações de desembarque, para assegurar as cabeças de ponte em vigorosas avançadas. No início da guerra, a construção naval se destinava urgentemente para a campanha anti-submarina. Depois de intensa luta, as águas do Atlântico tornaram-se relativamente seguras para o transporte de tropas e de abastecimentos. Há ainda premente necessidade de todos os navios disponíveis para esse mistér, mas agora todas as atenções se concentram na ofensiva, em vez de se concentrarem na defensiva.

Custosas batalhas aéreas na Europa ocidental interromperam o ritmo da produção bélica alemã e outras batalhas, não menos custosas, estabeleceram as bases necessárias para violentos assaltos na Europa e na Ásia. Cada passo nesse sentido — nas ilhas de Salomão, nas ilhas Gilberts, na Nova Guiné, nas ilhas Aleutas, na África, na Sicília e na Itália — tem representado um custo elevado, em navios, em armas e em homens. Mas esse tributo é relativamente insignificante, quando se consideram as perdas nas batalhas que já estão sendo iniciadas. Os recursos de materiais e de homens do

hemisfério foram reunidos ao esforço. O Brasil forneceu bases vitais, nas vias aéreas para a frente meridional na Europa. Suas tropas e seus aviões garantiram essas bases; sua Marinha manteve a vigilância nos mares adjacentes. O México, Cuba e outras nações beligerantes das Américas desempenharam e continuam a desempenhar importante papel nas garantias das vias marítimas. As nações americanas em guerra e suas associadas têm suprido os combustíveis, a borracha, os medicamentos, os metais e tantos outros produtos vitais indispensáveis para equipar os exércitos que entram em ação.

Durante dois anos e meio, os russos suportaram todo o tremendo choque dos ataques feitos por consideráveis forças alemãs e aos poucos conseguiram desenvolver uma contra-ofensiva que levou de vencida o inimigo, expulsando-o de grande parte do território russo por ele conquistado. As perdas sofridas pelos russos, com o sacrifício de milhares de homens, de numerosas cidades totalmente destruídas e com o desmembramento de tantas famílias, desmembramento esse agravado pela fome e pelas doenças que predominaram nos territórios ocupados pelo inimigo, serão sentidas durante muitas gerações. Contudo, mesmo em face de tremendas dificuldades, o povo russo conseguiu reestabelecer suas indústrias bélicas e mandou para as frentes de batalha poderosos exércitos cuja ação têm enfraquecido cada vez mais o poder do inimigo.

Os ingleses, da mesma forma, estão contribuindo com o máximo para o esforço coletivo. Dentro do seu território nacional os ingleses conseguiram suportar os ataques mais violentos feitos pelos alemães. Suas fábricas prosseguiram trabalhando intensamente, dia e noite. A nação, determinada a vencer a todo custo, tem mandado grandes forças expedicionárias para a área do Mediterrâneo, ao mesmo tempo que mantém constante e formidável os assaltos aéreos contra os centros industriais de guerra da Alemanha.

No teatro das operações na Ásia, a China tem mantido uma frente valorosa contra os invasores japoneses, a despeito das vicissitudes de quase seis anos interrompidos de guerra. E as forças australianas e norte-americanas têm se batido com incedível heroísmo.



Durante a sua visita à ilha de Malta: o Presidente Roosevelt lendo uma dedicatória em pergaminho, em honra aos heróicos defensores da área mais bombardeada do mundo durante esta guerra



Um interlúdio na conferência do Cairo, onde foi decidido o destino do Japão; o generalissimo Chiang Kai-shek e sua senhora, ao lado das líderes aliadas

O Presidente Roosevelt em ligeira palestra com os comandantes americanos, no aeródromo de Castelvetrano, na Sicília. Sentado, atrás, está o Gen. Eisenhower



# AS ILHAS GILBERT



Corpos de fuzileiros navais dos Estados Unidos, mortos durante o seu ataque e desembarque na ilha de Tarawa. Vêem-se também dois tanques anfíbios, destruídos

Um excelente flagrante do ataque dos fuzileiros americanos contra uma fortificação japonesa, em Tarawa, tomada depois de setenta e duas horas de fogo



A LUTA mais sangrenta da guerra no Pacífico foi a retomada das ilhas Gilberts das mãos dos japoneses. O número de baixas, entre mortos e feridos, da parte dos americanos, foi de 3.772. Uma frota composta de mais de cem navios, inclusive couraçados, cruzadores, destróieres e transportes, tomou parte nas operações, para conduzir as tropas atacantes e para apoiar o ataque.

O plano era reduzir as defesas inimigas ao mínimo da sua eficiência, por meio de intenso bombardeio naval e aéreo, antes de se dar a aproximação das forças de desembarque. Durante a semana que precedeu a chegada da frota americana ao local, os aviões de bombardeio lançaram mais de 2.000 toneladas de explosivos sobre as ilhas, cujo terreno é baixo e rochoso.

Depois, durante a noite de 20 de Novembro, os navios de guerra postaram-se próximo ao litoral e começaram o intenso bombardeio, arremessando outras 2.000 toneladas de explosivos. Ao amanhecer, os aviões com base nos navios porta-aviões reuniram-se ao ataque, durante o qual foram lançadas mais 700 toneladas de explosivos. As ilhas ficaram envoltas em espessa nuvem de fumo e os atacantes, de bordo das unidades de guerra e dos transportes, julgaram que, depois de semelhante inferno, não houvesse japonês sobrevivente.

O objetivo principal era a pequena ilha de Betio, de dois e meio quilômetros quadrados de superfície, no grupo das ilhas Tarawa. Em Betio, os japoneses tinham construído uma base aérea, dotada de uma pista de cimento e duas outras pistas reforçadas com pedras de coral. Era a única base concluída nas ilhas Gilberts e era a chave do controle sobre o arquipélago inteiro. O bombardeio foi concentrado contra Betio e foi ali que ocorreu a parte mais intensa da luta.

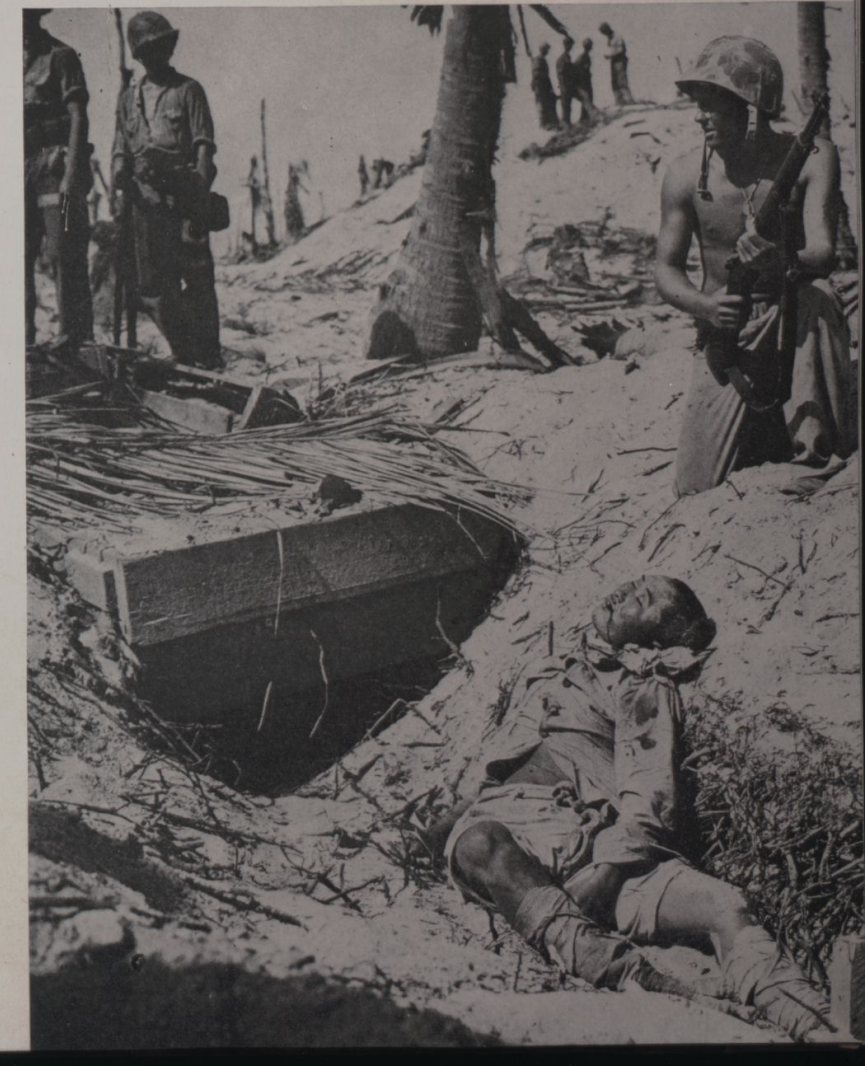
Do objetivo estratégico, entretanto, constava mais do que uma única ilha. Com a ilha de Makin, situada no ponto extremo da região, as ilhas Gilberts constituíam uma cabeça de ponte em direção às ilhas Marshall, em poder dos japoneses, situadas na região central ao norte do Pacífico, ficando ainda a uma distância de 800 quilômetros apenas da base inimiga de Nauru, no oeste. Demais, uma avançada contra as ilhas Gilberts e as ilhas Marshall oferecia a possibilidade de flanquear a grande base japonesa de Truk, para onde estavam também avançando as forças aliadas, na área do grupo das ilhas de Salomão e da Nova Guiné, no sudoeste do Pacífico. Se as duas avançadas pudessem se ligar em Truk, o resultado seria a separação do domínio insular japonês, na parte a sudeste.

Enquanto prosseguia o bombardeio, pelas unidades navais, as operações de desembarque foram retardadas duas vezes. Os japoneses continuavam a responder ao ataque, com suas baterias de 127 mm. Era aparente que a guarnição inimiga na ilha de Betio, composta de 4.000 homens, tinha conseguido sobreviver ao tremendo ataque aéreo e naval. As tropas atacantes, depois de vitoriosas, verificaram a razão, quando encontraram na ilha numerosos pequenos redutos fortificados, construídos de concreto, com paredes de mais de dois metros de espessura e reforçadas com toras de coqueiros, colocadas em filas duplas, tendo os espaços entre as toras completamente cheios de areia. Foram encontradas ainda muitas trincheiras cavadas nas rochas de coral.

O ataque por terra, isto é, o desembarque, teve que ser feito, finalmente, sob o intenso fogo do inimigo. Pequenas embarcações, transportando um conjunto de 2.000 fuzileiros, aproximadamente, partiram dos navios transportes. A artilharia naval lançava, em média, uma granada por metro quadrado na praia de um e meio quilômetros de extensão e 200 metros de fundo. As embarcações deviam aproar para essa praia, onde se



Um fuzileiro ferido é carregado por quatro camaradas para uma embarcação que o removerá para o hospital da base. Em baixo: um atirador de tócia japonês morto ao pé da árvore na qual foi alvejado. Esses atiradores tiveram papel saliente durante o combate, mas a maioria das baixas entre os americanos foi causada pelo intenso fogo das metralhadoras encerradas em pequenos pontos fortificados ao longo das linhas de defesa





**A tremenda explosão** causada por uma granada de grosso calibre foi o único meio de destruir esta fortificação. Os lança-chamas também surtiram efeito para reduzir ao silêncio as fortificações japonesas em Tarawa



**De acordo** com o fanático código de honra dos japoneses, a morte é preferível à captura. Na gravura vemos alguns dos poucos prisioneiros feitos pelos americanos, em Tarawa. Receberam ordem de andar abaixados, para tornar mais difícil a sua fuga. Em baixo: dois suicidas japoneses. O que está em cima ainda tem o dedo do pé no gatilho da sua carabina. Apesar da sua formidável resistência, os japoneses sofreram uma grande derrota



**(Continuação)**

daria o primeiro ataque em massa contra o inimigo. O fogo dos japoneses continuava. Algumas das pequenas embarcações foram destruídas, vendo-se os feridos que se debatiam sobre as ondas, enquanto seus companheiros se esforçavam por socorrê-los. Havia um recife de coral que se prolongava pelo mar, numa extensão de 800 metros. Quando as embarcações encalhavam nas pedras de coral, os soldados saltavam, com água pelo pescoço, mantendo suas armas acima da cabeça. Um sol tropical castigava-os e o mar picado atirava-os de um lado para outro. A medida que avançavam, alguns caíam feridos e muitos foram mortos dentro d'água. Foi a luta mais encarniçada que já se verificou durante o século e meio de existência do corpo de fuzileiros navais.

Na retaguarda dos primeiros atacantes avançou uma segunda força composta de 2.000 fuzileiros. Novamente, embarcações eram destruídas e os homens eram arrojados ao mar. Nestas primeiras duas forças, oitenta por cento dos seus componentes foram mortos ou feridos. Contudo, aqueles que sobreviveram alcançaram finalmente a praia e fizeram frente aos contra-ataques do inimigo. Como conseguiram eles chegar a terra firme, foi relatado pelo sargento James G. Lucas, que servia na sua unidade como fotógrafo.

"Ao avançarmos para a praia, fomos recebidos pelo fogo da artilharia inimiga," disse o sargento Lucas. "Uma embarcação ao nosso lado foi atingida em cheio, morrendo seis dos seus tripulantes. Nós nos aproximamos e salvamos os sobreviventes. Uma lancha passou por nós, a toda velocidade, e um oficial da Armada nos deu ordem para não avançar, até recebermos novas ordens. Eram 10.30. Às 13 horas, avançamos novamente, em direção à doca. Mas fomos impedidos de continuar, pelo fogo das metralhadoras. Às 3 horas, fizemos nova tentativa. As granadas explodiam por todos os lados. Duas outras embarcações foram ao fundo e fuzileiros foram mortos. Recuamos, impossibilitados de salvarmos os companheiros. Muitos dos feridos morreram afogados.

O sol era insuportável. Não havia sombra. Vimos fuzileiros lutando para chegarem à praia. Pouco depois recebemos um aviso, pelo nosso rádio: "Conseguimos desembarcar, apesar de tremenda oposição. As baixas são numerosas." Continuamos a esperar. À meia noite, outra lancha do comando surgiu na escuridão. Recebemos ordem de avançar novamente. Prosseguimos pouco a pouco em direção à doca, já parcialmente destruída pela nossa artilharia. Vimos surgir de repente o casco de um navio transporte japonês. Dois tiros certeiros, dos nosso destróieres o tinham avariado, mas a bordo ainda havia atiradores de tocáia, japoneses. Assim que subimos na doca, os atiradores de tocáia romperam fogo. Todos nos atiramos no chão. A expectativa era das mais enervantes.

Avançamos três metros na doca. Um japonês atirou um moreiro na nossa direção. Atiramos-nos no chão, novamente. Um segundo morteiro atingiu a água bem em baixo do lugar onde estávamos. Alguém gritou: "Para o outro lado!" — prevenindo-nos que o morteiro seguinte nos atingiria na certa. Passamos para o outro lado da doca. Não estávamos certos do que devíamos fazer. As linhas japonesas estavam a 50 metros apenas, além da praia. Os últimos setenta e cinco metros da doca estavam cobertos de areia de coral branco. A lua estava radiante e ali estávamos como excelentes alvos. Avançamos novamente, agachados. Ouvia-se o fogo da metralha e seis dos nossos caíram feridos. Ficamos ali estendidos, imóveis. Chegamos, finalmente a 15 metros da praia. Demos uma corrida em direção aos pontos onde havia sombras. Na praia, o tiroteio do inimigo continuava firme. Escondemo-nos por trás de uma máquina de planar terreno, que ali estava, avariada. Encontrei uma pá e comeci a cavar um buraco, rapidamente. Dentro de cinco minutos, tínhamos feito a primeira trincheira. E as trincheiras passaram a ser o lugar mais seguro. Uma vez firmado o nosso ponto de apoio, o inimigo perdeu a partida."



**Um soldado americano**, ferido em ambos olhos, durante a invasão, é ajudado a embarcar num transporte. As baixas sofridas em Tarawa foram as mais elevadas



**Aproveitando** um momento de relativa tranquilidade durante a batalha, um soldado faz um ligeiro curativo num companheiro que acabara de ser ferido à bala



**Um soldado japonês** ferido, encontrado pelos americanos, recebe uma transfusão de sangue. Em matéria de socorro médico não há distinção alguma entre os feridos

**Na gravura vê-se dois mortos** na praia de Tarawa—um americano e um japonês. Ao fundo, outros fuzileiros navais repousam depois da encarniçada batalha





## A "FORTALEZA VOADORA" PERDIDA

Os tripulantes da "Fortaleza Voadora", reunidos pela primeira vez no Campo Geiger, na costa do oeste dos Estados Unidos — a quasi 10.000 milhas de Muenster, na Alemanha, onde seu avião foi abatido. Esta fotografia foi tirada em Maio último, dois meses antes da partida dos aviadores para a Inglaterra, onde estabeleceram a sua base

TODA vez que uma "Fortaleza Voadora" é forçada a aterrissar há sempre uma história empolgante a respeito de avião e dos seus tripulantes, relatando como partiram eles para a sua missão de bombardeio, como contra-atacaram os aviões nazistas e como foram, finalmente, forçados a aterrissar por causa de complicações a bordo ou em face da superioridade numérica do inimigo.

Por trás dessa história há outros episódios individuais relativos aos membros da tripulação, descrevendo a origem de cada um deles, o lugar onde cresceram e como foi que escolheram a aviação e foram, finalmente, enviados para executar um ataque contra importantes setores em território inimigo. Este artigo se refere principalmente a aspectos

individuais dos tripulantes da "Fortaleza Voadora" pilotada pelo tenente John C. Winant Jr., quando foi a mesma forçada a aterrissar, no dia 10 de Outubro último, durante o grande raide diurno efetuado pelos aliados contra Muenster, um dos grandes centros ferroviários alemães situado na área industrial do vale do Ruhr.

Nesse raide deu-se a perda de trinta "Fortalezas", tendo sido abatidos 102 aviões de combate nazistas. O assalto foi o décimo terceiro levado a efeito pelo avião do tenente Winant e sua guarnição contra objetivos na Alemanha. E desta vez eles não voltaram às suas bases nas Ilhas Britânicas. Quarenta e dois aviões nazistas atacaram o grupo de aviões do qual fazia parte o aparelho pilo-

tado pelo tenente Winant. Outros pilotos viram-no romper o cerco do inimigo, sem maiores dificuldades. Mas pouco depois, como que qualquer complicação interna o forçou a diminuir a altitude. E do bojo do avião, seus tripulantes começaram a saltar, em para-quédas. Soube-se, mais tarde, que o tenente Winant e um companheiro, pelo menos, foram feitos prisioneiros dos alemães. Quanto aos demais tripulantes, não se sabe do seu destino.

Da tripulação fazia parte o sargento Robert V. Wirtz, de 22 anos, artilheiro da direita. Aos 10 anos ele já mostrava grande habilidade no desenho e pintura e sempre quis ser pintor. São de sua autoria as ilustrações destas páginas, mostrando os seus companheiros de guarnição em plena atividade.



A "Fortaleza Voadora" — rei dos bombardeiros. Foi num destes aviões que o tenente Winant e seus companheiros de guarnição foram abatidos durante um raide contra a Alemanha. Nenhum ponto do território alemão está livre da ação destruidora desses aviões que, de suas bases na Inglaterra, já têm atacado até os confins da Prússia

Havia também o sargento Paul E. Hurler, radiotelegrafista, cuja avó era uma índia americana; o sargento Elmer Fjosne, de 20' anos, artilheiro, natural de uma pequena vila de Wisconsin, sempre dedicado à construção de modelos de aviões; o sargento Walter E. Weidemann, mecânico, que trabalhava numa fábrica de aviões e sempre aspirou voar num deles; o sargento Frank Malone, também artilheiro, cujo interesse pela aeronáutica data da sua infância, quando não deixava de ler todos os magazines sobre aviação, que ele encontrava.

A operação e a defesa de uma "Fortaleza Voadora" está a cargo de uma tripulação de dez homens. Além do piloto, e do co-piloto, há um navegador, um rádio-telegrafista e um mecânico pa-

ra operar o avião e um bombardeador para lançar as bombas. Quatro artilheiros ficam a postos dentro do avião, para fazer fogo contra os aviões atacantes inimigos. Em cada um dos lados da fuselagem e na cauda do avião há um artilheiro. Com o decorrer da guerra verificou-se a necessidade de um quarto artilheiro, para defender o avião contra o ataque feito diretamente por baixo. Esse é o artilheiro que vái na "torre esférica", situada no fundo do aparelho.

Durante um encontro com o inimigo, entretanto, os outros membros da tripulação lançam mão de metralhadoras e participam da defesa do avião. O mecânico atira de uma torre superior, o radiotelegrafista atira por uma abertura atrás da torre de

cima e o navegador e o bombardeiro atiram por orifícios existentes na prôa do avião. Da "Fortaleza Voadora" projeta-se, portanto, uma carga cerrada de balas em todas as direções.

Somente num dia já se registou a perda de sessenta dessas poderosas armas aeronáuticas, conquanto o dano por elas causado nas fábricas do inimigo tenha mais do que compensado perdas até mesmo maiores. As "Fortalezas Voadoras", que, a princípio, constituíam uma força composta de dezesseis aparelhos apenas, agora existem aos milhares, sendo que os aviões "Liberators", bombardeiros quadrimotores similares, também fazem parte do conjunto pesada da aviação do Exército dos EE. UU. As asas de uma "Fortaleza Voadora" medem 32



Um "croquis" do sargento Weidemann feito pelo seu companheiro, sargento Wirtz, que desenhou os dez membros da tripulação do avião, antes do seu décimo-terceiro e final vôo, numa missão de bombardeio



Na residência dos combatentes há sempre retratos seus, em lugares proeminentes. Vemos na gravura acima a Sra. Bertha Weidemann, contemplando o retrato de um dos seus quatro filhos, o sargento Walter, mecânico da "Fortaleza Voadora". Em baixo: vista da terra natal do sargento Walter Weidemann, a cidade de Amsterdam, no Estado de Nova York. É um pequeno centro industrial, com uma população de 35.000 habitantes. Walter fez seus estudos nas escolas locais, indo depois trabalhar numa fábrica de tapetes, tendo sempre manifestado grande interesse pela mecânica, ramo da aviação que ele escolheu quando se alistou



(Continuação)

metros de ponta a ponta e a sua fuselagem tem mais de 21 metros de comprimento. A maioria dos seus tripulantes são moços, de 18 a 25 anos, que, há um ou dois anos passados eram agricultores, mecânicos, estudantes, empregados no comércio ou operários. Muitos deles se dedicavam, em suas horas vagas, à construção de modelos de aviões e sempre tiveram vontade de ser aviadores.

Todos os grandes aviões têm nomes. O do tenente Winant recebeu o nome de "Tech Supply" (supridor técnico), quando esteve em concêntricos. Como o avião não podia voar durante alguns dias, os tripulantes de outros aeroplanos começaram a "pedir emprestado" várias peças de que necessitavam. Um dos mecânicos via um deles retirando uma peça e perguntou se ele pensava que o avião era depósito de sobressalentes. Daí a origem do nome, que se tornou popular e foi pintado em letras brancas na prôa do avião, pelo sargento Wirtz, já conhecido por suas habilidades artísticas. De sua autoria tinham sido numerosos retratos de membros das famílias dos seus colegas de guarnição, copiados de fotografias.

O sargento Wirtz nasceu em Baltimore, um centro de construção naval no êste. Seu pai era bombeiro hidráulico, sendo o sargento um dos seus cinco filhos. Quando tinha dez anos, foi vítima de um acidente de automóvel, fraturando uma perna em três lugares, fato que o forçou a guardar o leito durante dezesseis meses. Foi nessa ocasião que ele desenvolveu a sua capacidade para o desenho. Aos três anos desenhou um cão, em tamanho natural, com tanta perfeição que ficou imediatamente consagrado como um artista de verdadeiro talento. Pouco depois, pintou uma natureza morta, um cacho de cerejas, trabalho que lhe proporcionou uma bolsa de estudos no Instituto Maryland, onde fez um curso noturno de desenho e pintura. Durante o dia frequentava uma escola profissional.

Seu primeiro emprego foi de pintor de cartazes, passando depois a trabalhar numa oficina de joalheiro, onde seus pendores artísticos lhe valeram na criação de desenhos originais para joias de grande aceitação. Enquanto isto, continuava a praticar o desenho e a pintura, aspirando poder, algum dia, trabalhar nos ateliers de Hollywood. Em fins de 1942, entretanto, alistou-se no exército e pediu para servir na aviação.

Em meados deste ano já era sargento-mór, pronto para seguir para as frentes de batalha. Em Junho, obteve uma licença, casando-se então. Sua esposa, a Sra. Louise Wirtz, reside com duas irmãs, nos subúrbios de Baltimore. Todas estão atualmente trabalhando na fábrica de aviões Glen L. Martin.

A segunda missão de bombardeio dos tripulantes sob o comando do tenente Winant realizou-se em 17 de Agosto, foi contra objetivos em Regensburg, no interior da Alemanha. A distância a percorrer era tão grande que os aviões depois do bombardeio, tinham necessidade de seguir para a África, onde se reabasteciam de combustível, antes de regressar à Inglaterra. Era um percurso de mais de 500 quilômetros de vôo através do constante fogo anti-aéreo dos nazistas.

Naquela missão, o sargento Wirtz abateu um avião de combate alemão. Uma granada anti-aérea atingiu o fundo do seu avião e, sem injuriá-lo, foi romper o para-quédas que ele tinha nas costas. Ficou assim sem meios de escapar, no caso de ser abatido o avião. Contudo, esta circunstância serviu para "aumentar a sua determinação de vencer os obstáculos," segundo informou o tenente Winant. O sargento Wirtz abateu o primeiro avião Focke Wulf 190 que se aproximou do visor da sua metralhadora de calibre .50. Por êste feito foi êle distinguido com a Medalha Aérea dos Estados Unidos e, mais tarde, com outra condecoração de grau superior. Ele já era um herói aclamado em sua terra natal, antes do raide contra Muenster. E quando correu a notícia do malôgro do "Tech Supply," sua mãe pediu aos vizinhos para rezassem por êle. Ela e a esposa do aviador estão certas de que êle foi feito prisioneiro. Os trabalhos de mecânico que o sargento Swope costumava fazer, como curioso, em suas horas vagas, em sua residência, serviu, provavelmente, para salvar o avião durante o ataque contra

Regensburg. De regresso da África para a Inglaterra, depois do raide, um dos cabos de controle do leme partiu-se, e o sargento, acostumado a dar um jeito com qualquer material que pudesse ter à mão, serviu-se de um fio de antena para substituir o cabo, enquanto o piloto, tenente Winant, conduzia o avião, sem leme, na região dos Alpes. O sargento Swope, filho de um maquinista, criou-se na pequena vila de Harlingen, no Estado do Texas. Além de gostar muito de mecânica, era dado à caça e à pesca. Quando foi declarada a guerra, êle procurou se alistar na aviação, para fazer o curso de piloto, mas moí impossibilitado devido a não ter boa vista. Escolheu, então, o ramo em que mais poderia ser útil, o da mecânica. Enquanto isto, submeteu-se a um tratamento dos olhos, conseguindo melhorar consideravelmente e na outra inspeção de saúde a que se submeteu, a sua vista satisfaz as condições exigidas pelo regulamento. Em Julho último, já como sargento aviador, seguiu para a Inglaterra, fazendo parte da guarnição chefiada pelo tenente Winant. Da Inglaterra escreveu para sua família, dando suas impressões locais e dizendo que, depois da guerra, não pretendia continuar na sua profissão de vendedor, preferindo tornar-se engenheiro aeronáutico, dedicando-se à aviação comercial. Ele e o tenente Winant são os únicos tripulantes da "Fortaleza Voadora" que, segundo se sabe, estão prisioneiros.

O sargento Hurles, tal como o seu colega, sargento Wirtz, abateu seu primeiro avião inimigo durante o raide feito contra Regensburg. Hurles nasceu na vila de Chillicothe, no Estado de Ohio. Neto de índio pele-vermelha, êle sempre se orgulhou da sua decendência. Aos 15 anos começou a trabalhar numa fábrica de vidro e, nas horas vagas, fez um curso comercial, tornando-se guarda-livros. Em 1929 casou-se, mas em 1931 teve a infelicidade de perder seu filhinho e, pouco depois, sua esposa. Contraiu segundas núpcias em 1932. Depois do ataque contra Regensburg, em 17 de Agosto último, escreveu à esposa relatando ter abatido o seu primeiro avião inimigo "como um presente de aniversário" para ela. O sargento Hurles era um consumado sportsman, sendo que no baseball chegou a dirigir vários teams, famosos por suas vitórias.

Em 1940, foi vítima de um desastre de automóvel, sofrendo a fratura de várias costelas. Esteve internado num hospital durante muito tempo. Isso, entretanto, não o impediu de ler muito, sobretudo livros sobre aeronáutica, adquirindo um conhecimento que mais tarde lhe foi muito útil. Seu treinamento na aviação foi feito em vários campos, nos Estados Unidos, tendo revelado um aproveitamento acima do normal.

Entre Hurles e o sargento Wirtz havia frequentemente troca de opiniões quanto à maneira mais própria de encarar os perigos decorrentes de uma batalha aérea. Wirtz, que era mais moço, não se preocupava com perigos e, antes de seguir numa missão, jocosamente lembrava que "muitos, no exército, dariam tudo para estar no lugar dêle", tal a confiança que lhe inspirava a sua arma. Ao que o sargento Hurles, mais velho e mais ponderado, respondia com observações de mais realismo. E em carta que escreveu à sua esposa, não deixou de acentuar: "Não se esqueça de que sempre corremos o risco de não voltar." Na verdade, esta era a sua maneira de prepará-la para o pior. Não obstante, mantinha um ânimo forte e relatava os fatos com franqueza e precisão, quando escrevia à sua esposa dando-lhe alguns detalhes das missões. Em 10 de Setembro, escreveu êle: "Estivemos num raide ontem, sobre território francês. Creio que a nossa guarnição abateu três aviões de combate alemães. Temos certeza de que o Weidemann abateu um Focke Wulf 190 e acreditamos que dois outros aviões também foram atingidos fatalmente pelo nosso fogo. No dia 6 de Outubro, quatro dias antes do raide contra Munster, êle escreveu: "Todos vão bem, conquanto alguns estejam ligeiramente resfriados. Isto, porém, é de esperar."

A Sra. Hurles, uma jovem de grande atividade, está agora trabalhando na fábrica aeronáutica da Curtiss-Wright, encarregada da costura de lonas para aviões "Seagull". Já está alistada no corpo auxiliar feminino da Marinha, mas ainda não foi chamada para o serviço.



Um desenho do sargento Fjosne, feito pelo sargento Wirtz. Ele tem dois irmãos e duas irmãs. Uma é casada com um agricultor e criador de gado, outra é solteira, trabalhando atualmente em Chicago



O pai, a mãe e um irmão do sargento Elmer Fjosne, artilheiro do "Fortaleza Voadora". Um de seus irmãos, Johannes, está servindo num das batalhões de abastecimentos, atualmente na Inglaterra. Seus pais são noruegueses e estão nos Estados Unidos há trinta e um anos, dedicando-se à pequena indústria de laticínios no Estado de Wisconsin. Em baixo: aspecto da rua principal da pequena vila de Cornell, em Wisconsin, situada a três quilômetros da fazenda da família Fjosne. Esta é uma zona pontilhada de pequenos sítios e fazendas de criação que, no seu conjunto, representam uma das maiores riquezas do próspero Estado





**O tenente** Robert W. Tredinnick, navegador da "Fortaleza Voadora", segundo um desenho da autoria do sargento Wirtz. Antes da guerra, ele trabalhava como chefe de uma das seções de uma fábrica de máquinas de costura. Foi ali que ele desenvolveu seus conhecimentos especializados de numerosas máquinas



**Os progenitores** do tenente Robert W. Tredinnick. Seu pai, Sr. Harry Tredinnick é gravador há longos anos, mas está atualmente afastado da profissão, exercendo as funções de prefeito da pequena vila de North Caldwell, onde a família reside, no Estado de New Jersey. Em baixo: o tenente Tredinnick (o quarto da esquerda para a direita, na última fila) fotografado com o seu team de baseball na escola em que terminou seu curso secundário. Ele era o mais moço dos três filhos do casal e sempre foi um grande sportsman



**(Continuação)**

O sargento Weidemann nasceu em Amsterdam, pequena vila no Estado de Nova York. Tem quatro irmãos e, ao terminar o curso secundário, começou a trabalhar numa das fábricas de tapetes da localidade, ascendendo até o lugar de assistente de um dos gerentes. Tal como o sargento Hurler, ele tinha grande interesse em esportes, tendo tomado parte de vários *teams* de *soccer* e de *hockey*, vitoriosos em vários campeonatos.

Ao romper a guerra, passou a trabalhar numa fábrica de peças de aviões, em Pittsfield, no Estado de Massachusetts. Tendo grande vocação para mecânica, afirmou que tinha interesse em trabalhar em peças de aviões certo de que, algum dia, voaria num deles. Alistou-se na Aviação Militar e fez o seu curso preliminar em Euphrata, no Estado de Washington, onde veio a conhecer o tenente Winant. Desde então têm estado sempre juntos.

O sargento Malone era natural do Estado de Carolina do Sul. Tendo ficado órfão de pai e mãe quando contava três anos de idade apenas, foi adotado pelo casal Dee W. Malone. Desde os tempos colegiais que sempre manifestou interesse por assuntos aeronáuticos, tendo mesmo querido fazer um curso de piloto-aviador, ao que seus pais de criação se opuseram, porque o julgavam muito moço ainda.

Mais tarde, alistou-se no Exército, tendo então contraído núpcias. Depois de terminar o seu tempo de serviço foi trabalhar numa fábrica. Mas, logo que a guerra foi declarada, apresentou-se novamente, para serviço militar, pedindo para ser incluído na aviação, como artilheiro. Fez seu treinamento em vários campos. No campo da Florida, teve ocasião de conhecer o tenente Winant bem como Clark Gable, o artista de cinema, que também estava fazendo seu curso de aviação.

O tenente Tredinnick, antes da guerra, trabalhava num escritório comercial, e o tenente Walker na indústria madeireira, no seu próprio Estado. O tenente Arns e o sargento Fjosne eram homens do campo, trabalhando nas fazendas de seu país. Acostumados a lidar com máquinas agrárias, fazendo-lhes frequentemente os concêrto necessários, foi-lhes fácil desenvolver, rapidamente, a sua habilidade como aviadores. A fazenda da família Fjosne está situada no Estado de Wisconsin, e na casa de residência vêem-se muitos modelos de aviões construídos pelo sargento Fjosne, em suas horas vagas. Seus pais não queriam que ele se alistasse tão cedo, pois, apesar de ter quasi dois metros de altura, contava 19 anos apenas. Mas o rapaz tinha tanto desejo de ser aviador que sua vontade teve que ser satisfeita, e ele se apresentou como voluntário, para a aviação, em Setembro de 1942.

O tenente Winant estava fazendo o seu segundo ano universitário na Universidade de Princeton, quando rom-



Um "croquis" do tenente Donald C. Arns, de 21 anos de idade, natural do Estado de Iowa, e co-piloto da "Fortaleza"

peu a guerra. Alistou-se imediatamente e, depois de terminar seu curso de piloto, reuniu os tripulantes do seu avião, escolhendo-os dentre os aviadores que ele tinha conhecido nos vários campos de treinamento onde tinha estado. Antes de chegarem à Inglaterra, todos os membros da sua guarnição eram seus amigos pessoais.

Por ter sido o raide feito contra a cidade de Muenster a décima-terceira missão de bombardeio da "Fortaleza Voadora" sob o comando de tenente Winant, a designação da ordem devia ficar arquivada como "Vôo N. 13". Os tripulantes, entretanto, não gostaram do número, não que fossem supersticiosos, por isso que encararam o caso com toda a jovialidade, mas preferiram um outro número para designar a missão. Por esta razão, o tenente Winant denominou o vôo como sendo N. 12B.

O sargento Wirtz estava com um forte resfriado, pouco antes do raide contra Muenster, e foi no leito que ele fez maioria dos desenhos que ilustram estas páginas. Na noite anterior ao dia em que deviam seguir na missão de bombardeio, ele ficou pintando até tarde, o retrato do seu chefe, tenente Winant, mas na hora designada ele estava a postos, pronto para seguir.

Na manhã daquele dia, a guarnição de terra teve certa dificuldade para pôr os motores da avião em movimento. Chegaram a julgar melhor dar o avião como não estando em condições de voar, mas o tenente Winant e seus tripulantes estavam decididos a fazer o vôo. E assim, todos ajudaram a pôr os motores em condições, o que conseguiram em pouco tempo. E o grande avião decolou, finalmente, com rumo ao seu objetivo — o centro industrial de Muenster, situado no coração da Alemanha.

A perda da poderosa "Fortaleza Voadora" pilotada pelo tenente Winant despertou mais atenção do que a de outros aviões pelo simples fato de ser o tenente Winant filho do embaixador dos Estados Unidos na Inglaterra, John G. Winant. Na força aérea, entretanto, a perda teve a significação de qualquer outra perda. O grande avião de bombardeio era uma valiosa arma de combate, e os seus tripulantes, como acontece com os de outros aparelhos desse tipo, eram jovens que deixaram várias ocupações na vida para se tornarem aviadores, assim que a sua pátria entrou na guerra.

Com exceção dos parentes e amigos dos aviadores, aqueles que mais sentem a perda de um avião são os mecânicos da guarnição de terra, que o preparam para os vôos. Eles se orgulham dos seus aviões, tratam-nos com verdadeiro carinho e esperam sempre com inextinguível ansiedade o seu regresso das suas arriscadas missões. Depois que ocorreu a perda desta "Fortaleza Voadora", o sargento John Kaufman, do Estado de Iowa, e que pertencia à sua guarnição de terra, foi solicitado a descrever



O tenente Richard F. Walker, segundo um desenho do seu colega, sargento Wirtz. Ele era um dos bombardeadores



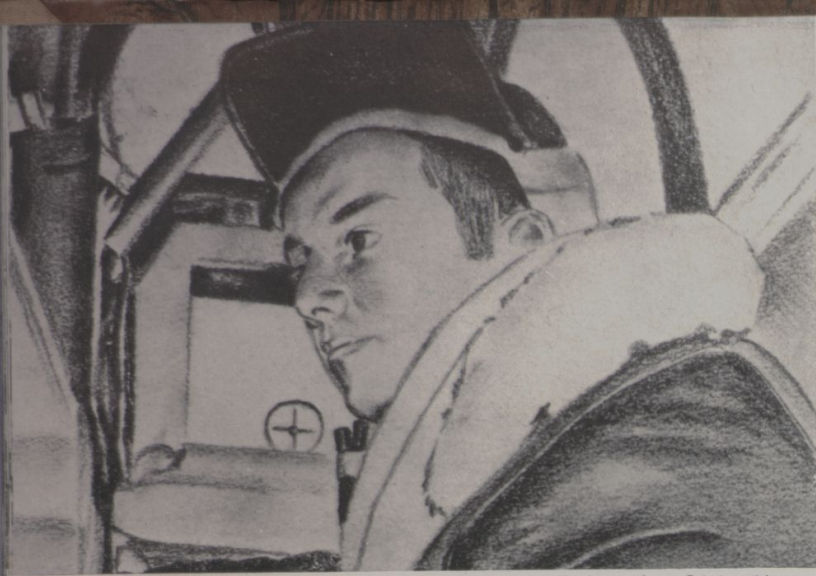
O tenente John G. Winant Jr., piloto da "Fortaleza Voadora". A guerra o surpreendeu no segundo ano universitário. Ele mesmo escolheu todos os tripulantes do avião no qual realizou três incursões contra a Alemanha. A pedido dos seus comandados, essa décima-terceira missão foi designada simplesmente "Missão 12B"



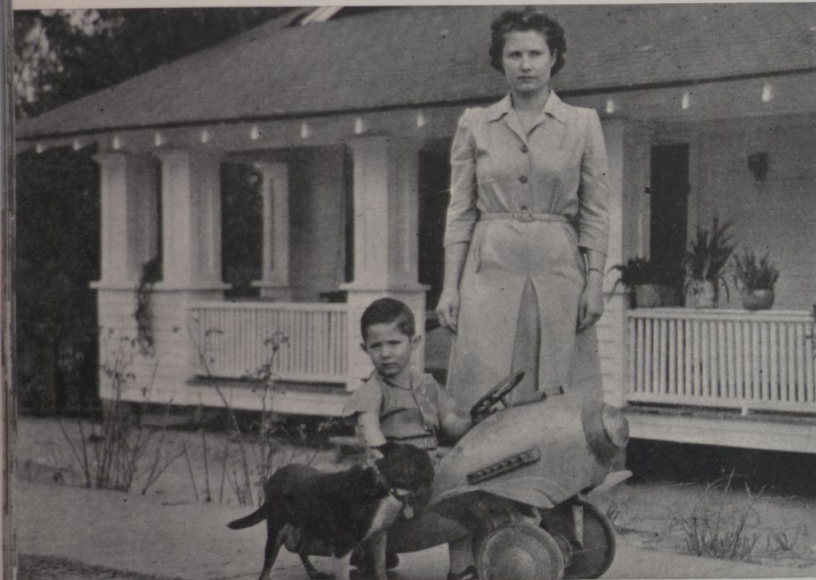
John G. Winant, embaixador dos Estados Unidos na Grã-Bretanha, é pai do tenente John G. Winant Jr., piloto do avião. Na gravura vê-se o embaixador na companhia de sua esposa, em Washington, durante ligeira estadia, para dar informações pessoais ao Presidente Roosevelt. Em baixo: o palácio do Congresso, em New Hampshire, onde o pai do tenente Winant exerceu funções legislativas em ambas câmaras antes de ser eleito, em 1924, para o cargo de governador do Estado do este americano por um período de dois anos







**O sargento** Frank Malone, artilheiro da "Fortaleza Voadora". Tendo servido no Exército vários anos, o sargento Malone apresentou-se novamente ao serviço logo que a guerra foi declarada, indo servir na Aviação onde fez o curso preliminar e especializado. Seu desejo era estudar engenharia aeronáutica



**A Sra.** Ella Louise Malone, esposa do sargento Frank Malone, juntamente com o filho do casal, George, de cinco anos, em frente à casa de sua residência, em Honea Path, terra natal da Sra. Malone, no Estado de Carolina do Sul. Ambos aguardam, confiantes, o regresso do intrépido aviador, pois acreditam que ele tenha escapado com vida e tenha sido feito prisioneiro dos alemães. Em baixo: a estação de Honea Path, que fica situada numa zona de plantação de algodão característica do sul dos E.E.U.U.



**(Continuação)**

os aviadores que compunham o núcleo a bordo do avião. O sargento Kaufman fixou o olhar no chão, por um momento, como que procurando concentrar o seu pensamento. "Francamente", respondeu ele, "todos eram o que havia de melhor. Tanto o tenente Winant como o resto dos tripulantes daquele avião eram o grupo mais camarada que já tive ocasião de encontrar. Trabalhava para eles e posso dizer que nunca houve o menor incidente entre nós. Reclamavam, às vezes, como todos nós, soldados, reclamamos, mas eram bons amigos e dignos de todo respeito como profissionais. O tenente Winant era diferente de muitos outros oficiais. Muitos chegam e pedem simplesmente para que se faça isto ou aquilo. Mas o tenente Winant não pedia; perguntava sempre "se eu podia fazer aquilo", de acordo com o tempo que eu pudesse ter disponível, mesmo se tratando de um dever meu. Era muito gentil e atencioso. E antes da saída de qualquer dos seus comandados, em gôso de folga, perguntava sempre se ele tinha dinheiro bastante. Se não tivesse, o tenente emprestava.

O tenente Walker também era assim. Estava sempre advinhando a melhor maneira de servir um colega ou comandado. Ele gostava muito do Hurler, o rádio-telegrafista, dizendo que, depois da guerra, iria levá-lo para trabalhar com ele, em Geórgia.

O Swope era outro bom rapaz. Franco e prestativo, não se negava nunca a fazer um favor, dando a entender que, para ele, uma honra servir a um amigo. Estava sempre cantando, numa voz esgançada que provocava de todos os mais jocosos comentários.

O Fjosne, com quem há dias estava passeando de bicicleta, não me sai da memória. Custa a crer que ele não volte mais. O tenente Arns, cuja esposa estava para dar à luz, era um marido extremo, que não deixava nunca de escrever uma carta, logo que regressava de um vôo, informando à esposa de que tudo estava bem. Wirtz, o artista, também adorava a esposa, escrevendo-lhe frequentemente, sempre otimista, confiante e bonachão. Rara era a carta que escrevia à família, que não se fazia acompanhar de um desenho, de uma ilustração a propósito das coisas mais simples. Eram todos excelentes amigos e companheiros e — acima de tudo — eram valentes e decididos.

O tenente Winant, de há muito tempo que se interessava pela aviação, participando de um interesse sentido por sua família. Logo que pôde desenvolver, praticamente, seus conhecimentos aeronáuticos, que até então tinham sido de simples leitura de livros e revistas, fez o curso de piloto civil, conseguindo o seu *brevet*. Quando menino, naturalmente, sua predileção pela construção de modelos de aviões o colocou em lugar de destaque entre seus companheiros e amigos, em várias competições.

Um seu irmão, mais moço, também é piloto aviador. Sua irmã, Constance, é casada com o Dr. Carlos Valnado de Cossio, cientista peruano, a quem conheceu durante uma de suas viagens a Lima, para continuar seus estudos na Universidade de San Marcos.

Seu pai, o embaixador John W. Winant, é uma personalidade de grande proeminência nos círculos políticos e sociais americanos, tendo exercido, durante várias legislaturas, a representação do seu distrito eleitoral em ambas as câmaras legislativas do seu Estado natal, o de New Hampshire, um dos menores da federação americana, situado na região do nordeste. Em 1924, foi eleito governador do Estado, por um período de dois anos. Foi também diretor do Escritório Internacional do Trabalho, em Genebra e, mais tarde, teve a seu cargo a execução do programa do seguro social, nos Estados Unidos.

A guarnição do "Tech Supply" era, portanto, típica do elemento de que se compõe a população dos Estados Unidos. Reunido no bojo de um possante aparelho — produto da mentalidade e do desenvolvimento técnico norte-americano estava um núcleo de jovens, ambiciosos todos, dispostos a fazer até o último sacrifício pela sua pátria. A descrição dos aspectos essenciais da vida de cada um deles demonstra como eram, individualmente, capazes de traçar para a sua própria vida uma carreira proveitosa de trabalho, satisfazendo cada um as suas mais legítimas aspirações. Quanto ao sangue, descendiam de uma variedade na qual se incluía desde o tipo nórdico até o índio pele-vermelha, da América.



**Mesmo** quando era menino, o sargento Hurler se orgulhava do fato de ser neto de um índio americano. Aqui o vemos vestido à caráter, como pele-vermelha



**O sargento** Paul E. Hurler, de 34 anos, íntimo amigo do sargento Wirtz, autor deste desenho. O sargento Hurler era o rádio-telegrafista e um dos artilheiros da malograda "Fortaleza"



**A Sra.** Beatrice Hurler, esposa do sargento Hurler, atualmente trabalhando numa fábrica aeronáutica, onde costura as telas para os aviões

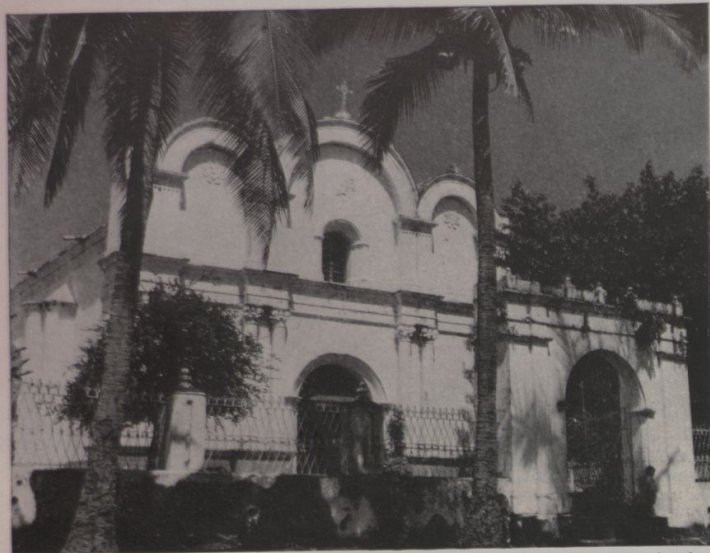


**A Sra.** Louise Wirtz, esposa do sargento Wirtz, tendo o seu consórcio se realizado em Junho último. Em baixo: Um "croquis" do sargento Alonzo J. Swope, de 21 anos, artilheiro do avião. De uma feita, ele salvou o aparelho, improvisando um dos cabos de contrôle



**Um auto-retrato** do sargento Wirtz. Em baixo: o sargento Alonzo J. Swope em companhia de sua família, em Harlingen, no Estado do Texas, pouco antes de partir para a Inglaterra. Na gravura vêem-se os seus pais, uma irmã, a Sra. William K. Elmore, e uma sobrinha do sargento, Evelyn Marie Elmore. Seu pai é mecânico na vila de Harlingen, de 15.000 habitantes. O sargento Swope, antes da guerra, trabalhava como vendedor de uma fábrica de garrafas, tendo se alistado na Aviação, onde fez, com excelentes notas, o curso elementar e o curso especializado





A igreja de San Antonio, perto de Sonsonate, é um dos mais belos templos da época colonial no Salvador. Todos os anos afluem a essa igreja grande romaria de fiéis procedentes de todos os pontos do país



O palácio presidencial na Capital-Federal. Dos países da América Central a República do Salvador é o que tem população mais densa

# REPÚBLICA DO SALVADOR

UMA DAS NAÇÕES MAIS PROGRESSISTAS DA AMÉRICA CENTRAL

NO extremo oeste de uma ponte, num dos mais caudalosos rios do continente americano, do lado do Pacífico, há uma placa com a seguinte inscrição:

*Ponte Cuscatlán — Sonho de um século realizado por um governante de fé patriótica e um povo laborioso e viril, que quis custear sozinho esta obra que une ainda mais a família salvadoreana ao resto da América, com a qual aspira formar uma democracia solidária continental.*

Esta magnífica ponte suspensa, uma das maiores no percurso direto da grande Rodovia Panamericana, liga as margens do rio Lempa no trecho que comunica a capital da república com o importante porto de La Unión. El Salvador já completou quasi todo o trecho da rodovia que passa pelo seu território. A placa comemorativa da ponte, que foi inaugurada e aberta ao tráfego em 1942, é um momentoso símbolo do espírito dessa nação centro-americana, que agora está en-

vidando todos os esforços para assegurar não somente o seu próprio futuro, como também o das suas vizinhas.

A República de El Salvador — a menor de todas as nações do continente americano, é a única, na América Central que está situada inteiramente no costa do Pacífico, numa extensão de 266 quilômetros.

A região litorânea é estreita, emoldurada por verdejantes mantanhas, cortada são vários rios sinuosos. Seus planaltos são famosos pela fertilidade das terras, e a república se orgulha de possuir algumas cidades modernizadas, de vida intensa, assinalando um progresso digno das possibilidades do país. Das nações da América Central, El Salvador é a de população mais densa, e o seu desenvolvimento é assinalado pelo fato de estarem profusamente cultivados quatro quintos da sua superfície, de 34.126 quilômetros quadrados. Seu produto principal é o café, tão famoso pela sua fina qualidade que, fóra



O Presidente, Gen. M. Hernandez M., do Salvador, uma das primeiras nações centro-americanas a declarar guerra contra o Eixo

No estação experimental de Santa Tecla, o Dr. J. Stern estuda o crescimento do café. Secando a fibra sisal, em San Miguel. Essa fibra, cuja produção tem sido desolvida ultimamente, é empregada na indústria bélica e na fabricação de sacas Vista de um cotonifício, em Salvador, onde a produção do algodão tem aumentado





**Pesando** uma criança num dos dispensários infantis na capital da república. A assistência à infância está bem organizada e aparelhada com modernos recursos, tendo um movimento de 1.500 crianças por mês. Em baixo: cadetes da Escola Militar em exercícios práticos de combate. O exército da república, organizado para a defesa em terreno acidentado e montanhoso, dispõe de armas mecanizadas do tipo mais moderno



**(Continuação)**

do país uma xícara do puro café salvadoriano é coisa rara, sendo usado geralmente para misturar com o produto de outras procedências. O café, em El Salvador, é cuidadosamente cultivado à sombra, na encosta de montanhas e em redor de vulcões, muitos dos quais ainda se encontram em atividade. O terreno, em vários pontos, é tão inclinado que, durante a colheita os trabalhadores se amarram a árvores, para maior segurança. O café é a cultura do país por excelência, mas a área em que se faz a plantação do milho é maior. El Salvador produz também gado, açúcar, feijão, cacau, trigo, borracha, bálsamo e fumo. Há, igualmente, em franca atividade, o trabalho de mineração de ouro, de cobre, de prata, de ferro e de mercúrio, todos produtos úteis ao esforço de guerra.

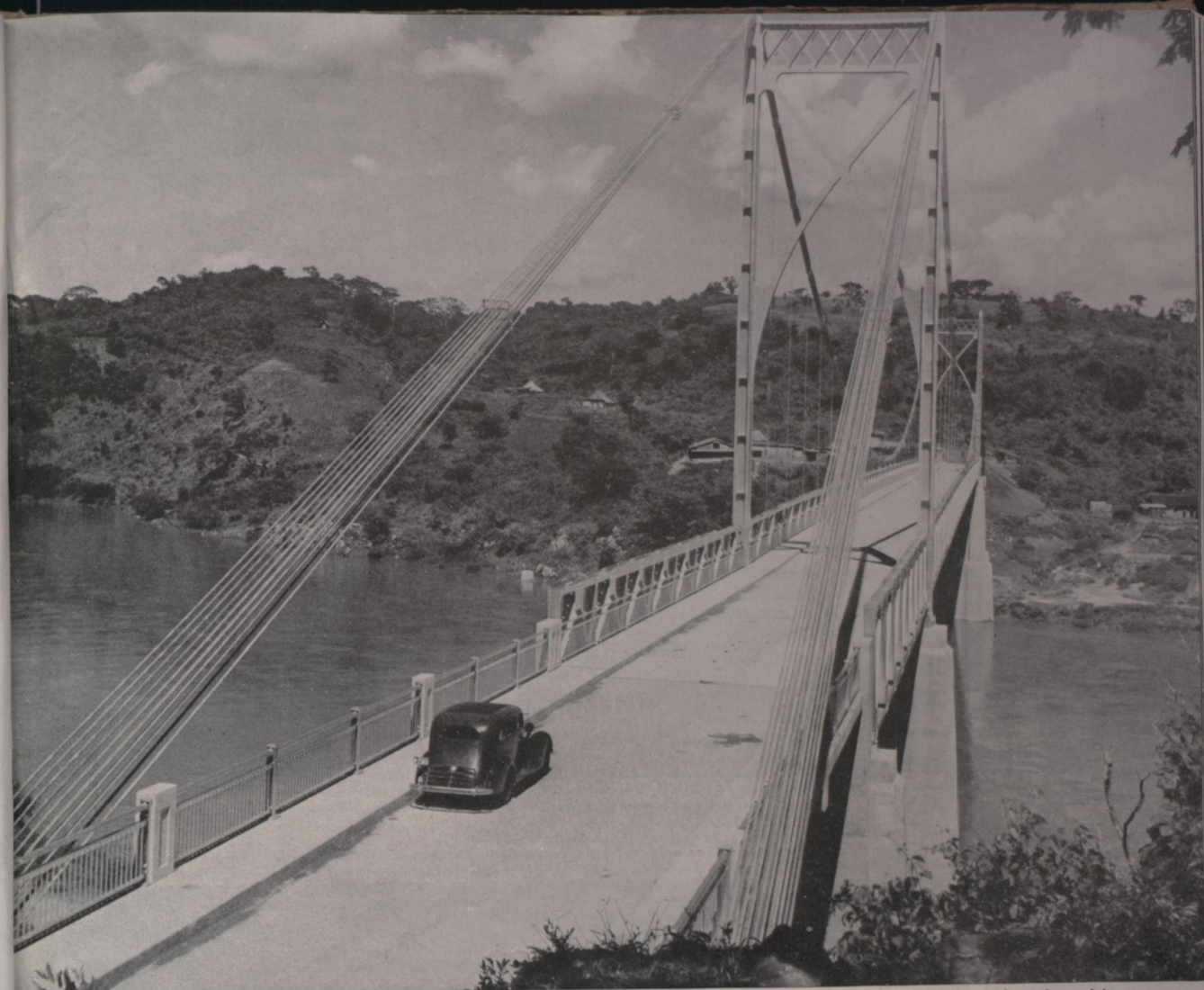
A guerra veio ocasionar várias e sensíveis alterações na economia da república. Para solucionar os problemas causados pela crise dos transportes marítimos e pela urgente necessidade de materiais estratégicos para as Nações Unidas, o governo tem estimulado, com a execução de um bem elaborado programa, a produção de alimentos, de borracha, de quinina, de fibras, de inseticidas e de outros produtos. Através da Comissão de Coordenação Econômica, o governo tem mantido um perfeito controle da importação e da exportação, achando-se em vigo o racionamento de vários produtos e o tabelamento dos preços. De maneira a prover a zona do canal do Panamá, o governo, de acordo com um entendimento realizado com as respectivas autoridades locais, está incrementando a produção e a remessa de frutas, de legumes e de outros gêneros alimentícios.

Nestes últimos anos, a República de El Salvador tem progredido extraordinariamente. No campo da agricultura, o governo está dando um impulso de grande repercussão futura na economia do país, criando estações experimentais, importando sementes selecionadas de cereais e mudas de árvores frutíferas, afim de expandir a diversificação agrária. Animais de raça têm sido importados para desenvolver mais ainda a pecuária.

Dentre as medidas de caráter social e econômico destacam-se as referentes ao crédito agrícola concedido aos pequenos lavradores, através de numerosas cooperativas rurais, a criação de uma empresa oficial para assegurar à pequena lavoura do café, composta de dez mil plantadores, uma compensação adequada. As cooperativas foram criadas pelo Banco Hipotecário de El Salvador, organização semi-oficial, que está estendendo a várias outras lavouras os benefícios proporcionados à lavoura do café. Foi também formada uma sociedade anônima, denominada Melhoramento Social, com o fim de coordenar todas as atividades da produção e do consumo, para manter numa base elevada o padrão de vida em geral.

Por meio de várias instituições oficiais os agricultores encontram todas as facilidades para a aquisição de terras, tendo também assegurada a colocação dos seus produtos em mercados sujeitos a rigoroso tabelamento de preços. O objetivo deste plano é proporcionar aos pequenos produtores certas possibilidades para um trabalho independente e produtivo. Há ainda a organização de serviços médicos gerais e especializados e demais cuidados de saneamento ao alcance de todos.

O vigor da situação econômica do país tem se manifestado ultimamente através de numerosos empreendimentos, destacando-se a construção de edifícios públicos e particulares dotados de modernas instalações. Os trabalhos de construção e de melhoramento de rodovias, de vias férreas e dos serviços portuários têm se caracterizado por uma continuidade sem precedentes. Numerosos projetos estão sendo estudados para execução em futuro próximo, dentre os quais se destaca o da construção de uma grande usina hidrelétrica nas cabeceiras do rio Lempa, para fornecer luz e força ao país inteiro, cujo desenvolvimento bem demonstra a incansável operosidade do seu povo.



A ponte de Cuscatlán, sobre o rio Lempa, que deságua no Pacífico, é uma das ligações da rodovia Panamericana, cujo trecho, no Salvador está quase completo



**Aspecto** da grande estação experimental agrícola situada em Santa Tecla. Seus trabalhos se referem essencialmente à cultura do café, mas numerosas plantas fibrosas estão agora sendo cultivadas



**Mudas** da fibra rosella, planta de rápido crescimento, pronta para ser cortada, geralmente, em noventa dias, produzindo uma fibra sedosa



**Um seringueiro** do vale do Amazonas defumando o látex para a produção da borracha, um dos elementos mais essenciais para as Nações Unidas. Em 1944 maior será a sua produção nas Américas

# PRODUTOS DO HEMISFÉRIO

O MUNDO assistiu a rápidas mudanças de longo alcance verificadas na economia e no comércio internacional durante as duas décadas que precederam a guerra. Novos recursos naturais foram explorados, novos métodos de cultura da terra foram postos em prática, grandes progressos marcaram a crescente produção industrial. Mas, durante todo o período anterior à guerra, não há nada que se compare com o desenvolvimento econômico ocorrido nas Américas desde o rompimento das hostilidades. Todos os seus recursos foram mobilizados para fazer face à emergência, em todos os seus efeitos.

Quando as Repúblicas Americanas puseram à disposição das Nações Unidas seus vastos recursos nacionais, entraram imediatamente numa era de grandes e utilíssimas pesquisas de matérias primas, de policultura agrícola e de rápida industrialização. E, entre as Nações Unidas e suas associadas, foi estabelecida uma cuidadosa planificação para assegurar que tais produtos não fossem desperdiçados. Planos foram traçados para o racionamento e a redução no uso dos comestíveis básicos e de materiais essenciais, de maneira a facilitar o mais possível a remessa de mercadorias de guerra vitais para as frentes de batalha.

E' incalculável a riqueza do Hemisfério Ocidental quanto às matérias primas necessárias para a produção dessas mercadorias de guerra. Conquanto haja alguns produtos vitais cuja obtenção é extremamente difícil para as Nações Unidas, tais como — vidros óticos, sêda e cortiça — quasi 50 artigos essenciais de guerra podem ser obtidos no Hemisfério, desde o níquel e o asbesto do Canadá até a enorme quantidade de minerais das jazidas dos Andes. Além da aceleração do programa de produção de matérias primas nas Repúblicas Americanas, a crise dos transportes, causada pela guerra, estimulou a criação de numerosas indústrias inclusive as de manufaturas de produtos para o consumo interno

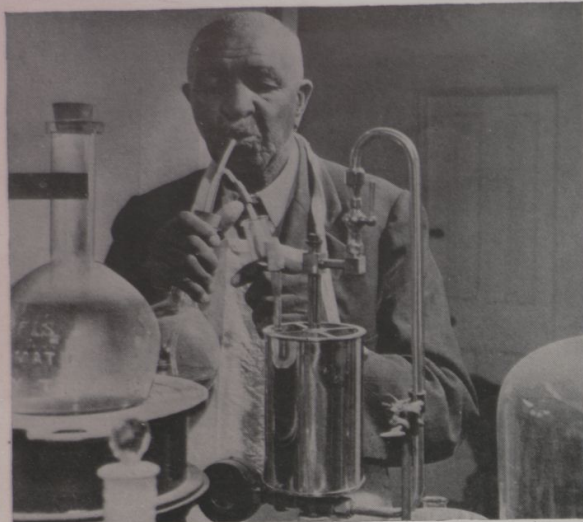
**O transporte** de petróleo das vastas reservas situadas no lago Maracaibo, na Venezuela, para suprir os combatentes aliados. Um dos seus sub-produtos de alta qualidade é a gasolina para a aviação de guerra. Outros sub-produtos fornecem a gasolina e os lubrificantes para os tanques e demais veículos motorizados em todas as frentes de batalha



**Das ricas** florestas do Equador vem a madeira balsa, usada na fabricação dos bombardeiros "Mosquitos", notáveis por seus ataques contra Berlim. O Equador começou suas plantações de balsa em 1927 e hoje essa madeira extremamente leve está sendo essencial para a construção tanto de aviões de bombardeio como de balsas salva-vidas

**Aumenta** constantemente nos países da América a produção de tecidos de algodão e de numerosos outros produtos absorvidos pelo consumo interno, produtos que eram antes importados. Na gravura acima vemos como o Chile tem desenvolvido a sua indústria têxtil. Muitos países americanos estão fomentando a policultura e novas indústrias





O notável cientista americano, Dr. George Washington Carver, famoso por seus trabalhos sobre o uso do amendoim como alimento e para várias aplicações industriais

# AMENDOIM

UM FATOR IMPORTANTE NA NOSSA ECONOMIA

THOMAS JEFFERSON cognominado o "pai da Democracia", nos Estados Unidos, também era um extremado naturalista. Escreveu muito, urgindo a necessidade de se cultivar o amendoim, planta que, naquele tempo era pouco conhecida. Graças ao progresso da ciência e da agricultura, o amendoim, originário da América do Sul, agora tem se tornado um fator na defesa da democracia pela qual Jefferson tanto se esforçou.

Da sua aplicação primitiva como alimento e fácil de cultivar, o amendoim passou a ser um produto que está tendo mais de duzentas aplicações industriais. George Washington Carver, o famoso cientista americano, falecido em 1942, chegou a encontrar sessenta maneiras de empregar-se o amendoim industrialmente. A sua produção, nos Estados Unidos, tem duplicado desde o começo da guerra e quasi que toda a sua safra está sendo aplicada para fins militares e para propósitos industriais de guerra.

Excavações arqueológicas feitas num cemitério pre-histórico perto de Ancon, no Perú, revelaram o fato de ser o amendoim cultivado na América do Sul desde o ano de 950, antes da era cristã. Foram encontrados nas sepulturas de mulheres incas numerosos vasos decorados com motivos baseados na planta do amendoim, assim como numerosas cascas da amêndoa. Quando Fernão Magalhães fez a circunavegação do mundo, levou vários espécimes de amen-

doim para Ásia, sendo que alguns dos primeiros exploradores também o levaram para a África onde a sua cultura encontrou um proveitoso desenvolvimento. Foi da África que o amendoim chegou aos Estados Unidos. Antigos capitães de navio verificaram que, levando provisões de amendoim, da amêndoa e seu óleo, embarcadas na África, conseguiam dispôr de um valioso alimento com a vantagem de ocupar pouco espaço. Por isso, animaram o cultivo da planta nas imediações dos seus portos de partida. Foi assim que Jefferson veio a se familiarizar com o amendoim e começou a plantá-lo em suas terras situadas em Monticello, na Virgínia.

Nos primeiros tempos da cultura do amendoim nos Estados Unidos pouco se poderia calcular a importância que o produto iria ter. Permanecia como uma cultura de segunda categoria e seu principal consumo era em confeitos vendidos durante festejos populares. Na criação de suínos, constituía um alimento de uso generalizado.

Foi há 47 anos, quando Carver estabeleceu seu laboratório no Instituto Tuskegee, no Estado de Alabama, que as possibilidades do amendoim começaram a tomar vulto. O cientista, a princípio, estava principalmente interessado em introduzir o amendoim como um produto alimentício, nas áreas onde o algodão constituía quasi que a única cultura e onde, às vezes, uma safra má expunha os lavradores a extremas necessidades. Carver apresentou uma lista contendo 103 maneiras de se preparar o amendoim como alimento de grandes vantagens.

E à medida que aprofundava suas pesquisas descobriu, por exemplo, que do amendoim podia extrair-se um óleo refinado, excelente para lubrificar um custoso relógio e também uma graxa para uso em locomotivas. Não produzia fumaça a não ser quando aquecido a uma temperatura acima de 450 graus

Fahrenheit. Tinha propriedades de viscosidade tão penetrantes que não se comparavam com as de qualquer outro óleo. A sua utilidade era extraordinária. Este foi o começo da sua fase industrial. Passou a ser usado para lubrificar maquinismos delicados e, depois, para a fabricação de sabão, de banhas, de substitutos de manteiga e de cosméticos. Carver descobriu também que os elementos da composição do amendoim poderiam entrar na fabricação de glicerina de superior qualidade e de nitroglicerina. Desde então, o produto tem sido essencial para a fabricação de certos explosivos, sendo que a sua casca encontra várias aplicações.

A surpreendente variedade do uso do modesto amendoim na vida moderna deste hemisfério é de grande significação para os lavradores em geral. E por ser o amendoim de uma utilidade tão acentuada, como nunca se imaginou há um século passado, os cientistas continuam interessados em procurar novas aplicações para tantos outros produtos agrícolas e florestais.

Fibras feitas da casca do amendoim são usadas para a fabricação de isoladores e se prestam especialmente para atar explosivos. Da sua casca está se fabricando a cortiça sintética e da proteína extraída do amendoim obtêm-se fibras tão fortes quanto as da lã, para tecidos. Quanto a materiais plásticos, os resultantes do amendoim são de tal resistência que se prestam para a construção de carrocerias de auto-caminhões e de automóveis. Servem ainda para a construção de numerosos objetos de uso doméstico.

Quando rompeu a guerra, os agricultores norte-americanos estavam usando 1.214.777 acres por ano, para a cultura do amendoim. Com o impulso motivado pelo programa de expansão de guerra, aquela área passou a ser de 2.206.935 acres, em 1942, e de 4.200.000 acres em 1943. Este ano a safra foi de 2.681.955.000 alqueires, equivalente a mais de 700 quilos por hectare.

O acondicionamento da manteiga de amendoim, de grande consumo no exército



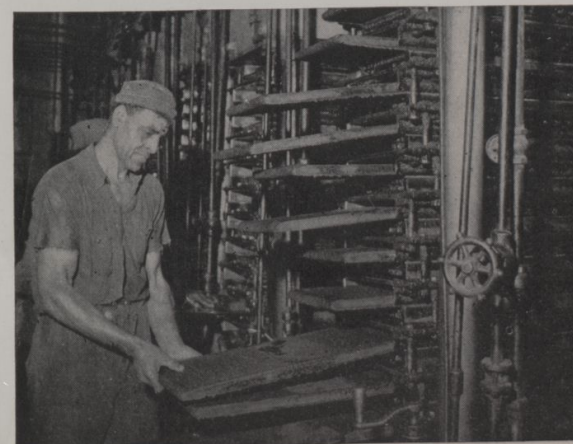
A amendoim presta-se para a cultura em pequenas plantações, dispensando o emprego de maquinismos. Nesta plantação, por exemplo, todo o trabalho é feito com um único animal. Está situada no Estado de Georgia, um dos seus maiores produtores



Conquanto a colheita do amendoim seja feita geralmente à mão, máquinas como a que se vê nesta gravura também são usadas. Servem para arrancar a planta inteira e para separar o amendoim da palha, a qual é então convenientemente enfardada

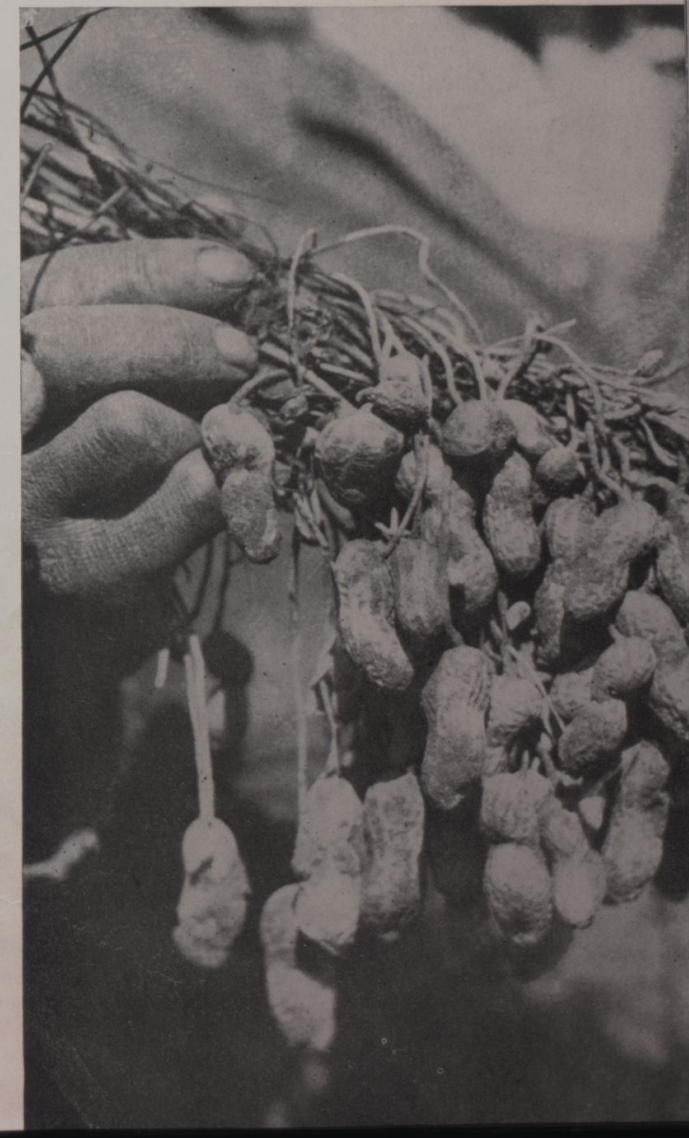


Maneira simples e prática de pesar o amendoim, durante a colheita. Nesta plantação, em Alabama, a produção é de quinhentos e sessenta quilos por hectare de terra cultivada. Essa é a produção média. Noutras regiões do país é ainda maior



Quando o óleo é extraído do amendoim, a máquina que faz a extração comprime a substância sólida restante, dando-lhe a forma de táboas, duras, mas quebradiças, usadas na fabricação de materiais plásticos e em vários outros fins industriais

O amendoim cresce em raízes finas, fáceis de quebrar, facilitando a colheita



# A universidade na guerra e na paz

O PAPEL QUE ELA REPRESENTA NA PRESENTE CONTENDA

*Este artigo foi escrito especialmente para EM GUARDA pelo Professor Germán Arciniegas, antigo ministro da Educação da Colômbia, relatando interessantes observações a respeito da vida nas universidades dos Estados Unidos durante a guerra. O autor fez parte do corpo docente da Universidade de Columbia, de Nova York, e atualmente leciona no Mills College, na Califórnia. De sua autoria são vários e conhecidos trabalhos sobre história, dentre os quais "O Cavaleiro do El Dorado" e "Os Alemães na Conquista da América".*

QUEM visita hoje as universidades norte-americanas encontra soldados não às dezenas nem às centenas, mas aos milhares. Onde antes se viam estudantes de jaquetas de couro ou de sweaters de lã vermelhas e amarelas, hoje não há senão o uniforme cáqui, da tropa, ou o azul e o branco dos marinheiros. Na Universidade de Columbia, de um semestre a outro, os tradicionais dormitórios dos universitários passaram a ser aquartelamento de marinheiros. Em Chicago e em Berkeley, as famosas "casas internacionais", que antes abrigavam uma mocidade procedente de todas as partes do mundo, são atualmente quartéis. Midway, a grandiosa alameda em frente aos edifícios da biblioteca e da Escola de Medicina, em Chicago, está transformada em local de exercícios militares.

De todas as mudanças ocasionadas por esta guerra, essa é a mais radical. Os Estados Unidos conceberam a idéia sem precedentes de que o soldado em vez de sair dos quartéis, deve sair das universidades. Tudo o mais que se faz para vencer os alemães se encerra na tradição puramente militar. Explosivos, tanques, aviões, tudo isto é imponente, mas não implica nenhuma idéia nova. A construção e o aperfeiçoamento de máquinas para aniquilar o inimigo é coisa em que o mundo se vem empenhando desde os tempos dos gregos e dos assírios.

A noção atual, a idéia de que o problema da guerra não se reduz unicamente a matar inimigos, reflete uma preocupação dos nossos tempos, preocupação que muitos descrevem com o nome de "Novo Humanismo". Mais do que os choques militares, é preciso encarar na guerra as implicações de carácter social. Uma mobilização geral ou uma série de batalhas rompem a estrutura normal da família, causam epidemias, alteram a mentalidade das novas gerações, desequilibram a economia da paz, alteram a moral, obrigam a rápidos reajustamentos da vida. De um punhado de rapazes que ôntem jogavam partidas de futebol todos os sábados, no estádio da Universidade, há agora alguns que estão na África, outros nas ilhas Aleutas, ou na Itália, em mares longínquos ou voando sobre a Alemanha. Esta mudança violenta da vida, tão rápida e radical, não é para ser apreciada pelo estado-maior do exército. Acima da estratégia, há uma questão humana, cujo campo natural de estudo se encerra nas universidades. O curioso é que somente nesta ocasião se tenha considerado assim o problema da guerra.

Este esquecimento das coisas não militares em tempo de guerra teve suas consequências. Os velhos militares julgavam que o essencial era estabelecer uma relação mais direta possível entre o olho do atirador e a cabeça do inimigo. Para eles tudo era uma questão de pontaria. Mas em muitas guerras,

isso foi o que menos influiu. Drake, que com seus atrevimentos de corsário se colocou dentre os mais valorosos marinheiros da Inglaterra, não morreu, nem fracassou na sua última aventura, vitimado pelos trahucos espanhóis, mas em virtude da mesma desintéria que lhe tinha arrebatado os melhores companheiros. Quando os negros do Haiti desafiaram a França do Napoleão, este enviou o general Leclerc, com trinta mil homens, para que não restasse no Haiti nem o ruído do tumulto. A febre amarela dizimou os soldados e os negros haitianos viram a esquadra francesa levantar ferros, e ficaram na ilha cantando a Marselhesa.

O Estado agora não somente procura retificar o antigo ponto de vista, criando uma medicina de guerra, como também entrega o assunto às universidades.

A medicina não se contenta em levar às frentes de batalha sessenta mil médicos, nem em criar uma nova organização para atender às necessidades clínicas das novas indústrias. O aviador, o tripulante dos submarinos, todo aquele que expõe seu sistema nervoso aos choques brutais das novas armas, deve considerar-se como sujeito a perigos e acidentes nunca antes imaginados. O problema da aviação já não está somente na máquina, que pode voar a velocidades imprevisíveis e a altitudes que representam o dobro da altura das montanhas mais elevadas, mas principalmente na resistência do homem para semelhantes mistérios. Às vezes, a descrição de uma grande aventura, como a dos naufragos que estiveram perdidos durante muitos dias nos mares do Pacífico, acelera a descoberta de novos recursos para preservar a vida humana, dentre os quais vale notar aquele que torna potável a água do mar, por meio de filtros de que hoje são dotados os barcos salva-vidas.

Bem sabemos que a guerra científica não é invenção de agora. Na realidade, os alemães sempre tentaram a formação de um exército científico e, para esse propósito, transformaram a universidade em caserna. A inteligência foi colocada sob a bota do general. Nos Estados Unidos, da-se o contrário. E'



O Dr. Germán Arciniegas, autor do presente artigo é antigo Ministro da Educação da República da Colômbia

o exército que vá para a universidade, e esta conserva intacta a sua soberania. Oficiais e sargentos, com um objetivo comum, ali vão receber uma preparação tão completa quanto permitem as urgências da luta. No curso desta guerra estão passando pelas universidades norte-americanas centenas de milhares de jovens. O número de universitários aumenta dia a dia, mas agora são todos militarmente uniformizados.

Este é um ponto em que se nota uma divergência radical entre o critério das nações aliadas e o das nações nazistas. Os chineses, por exemplo, que têm mais fé no espírito do que na força bruta, mudaram suas universidades para o interior do país, tendo atualmente mais estudantes do que quando começou a guerra. E parece que ainda se hão de ver mais animadas e fervorosas estas escolas que se mudaram da costa para o interior, nas montanhas, com professores e estudantes que caminharam léguas e léguas, durante meses, salvando do embate do barbarismo fôlhas de papel, retortas, balanças, fragmentos de ciência e de espírito, que depois foram reunidos com entusiasmo febril no laboratório mágico das suas escolas. E assim tem sido em todas as partes. Varsóvia ficou reduzida a escombros, como nenhuma outra cidade já ficou. Não obstante, estudantes e professores continuam trocando idéias em subterrâneos, nas catacumbas do mundo moderno, nas heróicas escolas clandestinas. Hitler e Mussolini, ao contrário, desde que subiram ao poder, sempre se distinguiram pela sua guerra de morte ao professor de mentalidade livre. Em frente ao homem que ensinava colocaram eles o sargento encarregado de o controlar.

Quando o mundo voltar à calma, depois de muitos anos, quando a guerra que hoje presenciamos tiver nome apropriado, talvez seja designada como "a revolta dos analfabetos." No fundo, é isto o que tem acontecido desde o advento do nazismo. Não tivemos uma guerra internacional, propriamente, mas uma revolução que começou dentro da Alemanha e contra a própria Alemanha. Revoltas semelhantes têm ocorrido no mundo, quando os solidários de uma classe comum desafiam o resto da humanidade. Na França, verificou-se a revolta da burguesia, que triunfou em 89. A Rússia renasceu da revolução dos trabalhadores. Algumas destas revoltas têm sido iluminadas pelo fogo da justiça: outras, têm sido enegrecidas por baixos desígnios. Mas a revolta dos analfabetos em nossos dias teve a peculiaridade de querer dar um golpe na cabeça do homem livre.

E' difícil estabelecer até onde o levante dessa classe foi um desafio à universidade, ou até onde foi um desafio aos políticos. Quando o nazismo começava a surgir, muitos problemas de ordem nacional fizeram crer que só se tratava de salvar uma nação do peso que para ela constituía o tratado de Versalhes. Foi assim que se burlou o cumprimento das reparações. Agora já estão sendo considerados, novamente, os argumentos que então se faziam circular para abrandar a mão das nações vencedoras. Naquela ocasião as suas razões impressionaram bastante. Mas a verdade é que, por trás de tal programa havia outro, mais ambicioso: atacar as duas bases da cultura moderna: a liberdade de investigar em todas as direções e a liberdade de falar, para poder expor os resultados dessas investigações. A universidade teve, então, a responsabilidade



Futuros observadores meteorologistas do Exército e da Armada. Estão fazendo o curso preliminar de meteorologia na Universidade da Califórnia, em Los Angeles



Na Universidade de Chicago: estudantes das forças armadas em companhia de suas colegas. A universidade está preparando técnicos para as forças combatentes



O Presidente Robert M. Hutchins, da Universidade de Chicago, fazendo a entrega dos diplomas aos universitários que completaram seus respectivos cursos

que lhe cabia. Faltou uma ação vigorosa que fixasse o pensamento daqueles que estudam e ensinam, nos problemas que nos eram mais imediatos e mais urgentes. Não se trabalhou com o devido esforço para esboçar um ideal vigoroso e atraente, capaz de tornar coesos e unidos os povos democráticos em torno das liberdades que consideramos essenciais e que, para serem bem defendidas e respeitadas, requerem uma adesão calorosa e unânime.

Para reparar êsse descuido, há agora a nova política universitária na América do Norte. E' o antecedente mais próximo que temos para a reforma que patrocina o "Novo Humanismo". Trata-se de dar novamente aos valores humanos a sua proeminência natural. E' notório, em qualquer das universidades norte-americanas que se visite hoje em dia, o incremento que está se dando aos estudos das ciências sociais. A intensificação dos trabalhos de antropologia, de geografia, de história, de artes plásticas, é notável.

térias são como que mãos que aumentam sôbre a terra, para senti-la melhor. "Se o humanismo é um esforço para cumprir o preceito de Sócrates — "Conhece-te a ti mesmo" —, afirmava, recentemente o Dr. Lynn T. White, em seu discurso inaugural, ao assumir a direção do Mills College, "parece evidente que os estudos humanísticos devem começar na nossa própria casa. O esquecimento dos humanistas americanos pela própria América é o último e o mais dissolvente aspecto de uma mentalidade colonial. Minha primeira sugestão é para que os estudos sôbre a América se cultivem e se estimulem até que cheguem a ser um fundamento e o centro de toda a educação humanística do país, um denominador intelectual comum a todos os homens cultos dos Estados Unidos, um ponto natural de partida para a exploração de todos os demais campos de cultura."

A idéia poderia ser expressada com exatidão dizendo-se que já se sente a necessidade de um redescobrimto do mundo. A guerra pôs em relevo a nos-



Os cadetes da Aviação Militar ora matriculados nos cursos técnicos da Universidade de Yale, prestando homenagem aos estudantes mortos durante a última guerra

sa incrível ignorância. Começamos, com a guerra, a ter notícias inesperadas do que eram, e como pensavam o Japão, a China, o Egito, a Índia e a Austrália, e o que é ainda mais surpreendente, as próprias nações do nosso hemisfério. O Canadá, o Brasil, a Argentina se apresentam agora, para uma grande maioria de americanos, como mundos inteiramente desconhecidos.

Essa ignorância é causa da falta de apreciação e de inteligência, de verdadeiros conflitos mentais. Graças ao nosso próprio descaso temos limitado as nossas possibilidades de convivência dentro do continente americano.

Mas a reação tem sido de surpreender. Neste momento há aquilo que vulgarmente e com muita sagacidade se chama "furor" para estudar o espanhol e o português. Um amigo meu, da Universidade de Columbia, assim me escreveu há pouco: "Temos mais estudantes de espanhol do que nunca. De uma turma de conversação conseguimos fazer dez seções." E assim em todas as partes. Quasi não transcorre uma semana em que não se publique algum livro sôbre os países da América onde se fala o espanhol ou o português. Muitos são trabalhos superficiais, jornalísticos. Mas não poucos se apresentam com um manancial de proveitosa informação. O velho sistema de estudar o mundo por nações é substituído por outro que agrupa os povos unidos por certas circunstâncias comuns. A tendência é fazer uma universidade realística, onde se considere, primeiro que todo, o nosso mundo e onde se pense no homem conforme o definiram antes os filósofos: um ente com corpo e alma; não simplesmente um ser de carne e osso.

Nós, que habitamos o Novo Mundo, temos, neste momento, uma responsabilidade já definida nos planos que ora se formulam para melhor orientar a apreciação espiritual do homem, como um ser vivo, não como simples instrumento daqueles que apregoam a ideologia da força bruta, nefasta, humilhante e destruidora. Compete a nós dar o exemplo da apreciação.



O elemento feminino também estuda os numerosos problemas de mecânica referentes à guerra. Aqui vemos uma aula prática sôbre o funcionamento de motor Diesel



**O Conselho** Nacional de Inventores, em Washington, está em constante busca de idéias para a fabricação de novas armas. Examinando uma planta, vêem-se, da esquerda para a direita: J. Green, engenheiro do Conselho; A. Nicolson, inventor de vários aparelhos eletrônicos, conservados em segredo, e o tenente-coronel L. B. Lent, engenheiro-chefe

## PRECISA-SE DE IDÉIAS

**T**ODOS os dias, pela manhã, chegam ao edifício do Departamento de Comércio, em Washington, centenas de cartas contendo sugestões sobre a melhor maneira de ganhar a guerra, através da aplicação de novas invenções que os proponentes apresentam. São idéias que variam desde a construção de "raios da morte" até a preparação de um regime alimentar "concentrado" especialmente destinado

aos combatentes, nas frentes de batalha. São submetidas por profissionais de todas as categorias, inclusive professores, barbeiros e até mesmo estudantes — qualquer um que disponha de lápis e papel para registrar uma idéia que lhe ocorre. Essas cartas, procedentes de todos os pontos dos Estados Unidos e dos países americanos, são endereçadas ao Conselho Nacional de Inventores, em Washing-

ton. Até agora já foram recebidas 160.000 idéias sobre armas e a maneira mais prática de fabricá-las. Seis mil idéias, aproximadamente, já foram consideradas aproveitáveis para serem submetidas à apreciação do Exército, da Armada e da Comissão da Marinha Mercante. Cincoenta — inclusive o "Jeep" anfíbio, um canhão anti-aéreo e um localizador de minas — estão atualmente sendo usadas. Outras ainda estão sendo aperfeiçoadas.

O governo criou o Conselho de Inventores em Agosto de 1940, quando o país deu início ao programa de rearmamento. Verificou-se, então, que a guerra moderna era não somente uma luta de ho-

mens e armas, mas também de invenções. O Conselho teve a seu cargo duas funções: estimular o interesse dos inventores profissionais, para dar solução aos problemas de guerra e examinar todas as idéias e sugestões que fossem apresentadas. O Dr. C. F. Kettering foi nomeado presidente do Conselho, e ao assumir suas funções declarou: "O maior erro que podemos cometer é não fazer nada." Já famoso pelo seu gênio inventivo, o Dr. Kettering é o inventor do arranco automático, do sistema de ignição e de iluminação usados na indústria de automóveis, sendo também diretor do departamento de pesquisas de uma das maiores fábricas

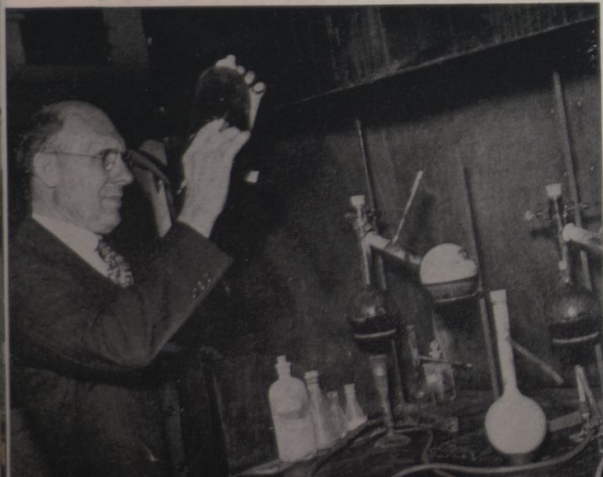
de automóveis. O vice-presidente do Conselho é o Dr. Thomas Midgley Jr., químico de renome, autor de um processo de tratamento da gasolina usado com grande sucesso. Dentre os demais membros destaca-se o Dr. William Coolidge, inventor das válvulas Coolidge, de raios X, e o Dr. Orville, um dos pioneiros do aperfeiçoamento do aeroplano. Uma vez por mês o Conselho recebe do Exército e da Marinha um resumo dos problemas mais prementes quanto a armas e material bélico. As reuniões que então se realizam entre os membros do Conselho e os técnicos militares e navais, em centros de estágio das tropas e nos estabelecimento

navais, proporcionam um conhecimento exato das necessidades em vista nas campanhas que possam estar ainda em sua fase preparatório. Meses antes da invasão da Itália, por exemplo, as autoridades navais apresentaram um problema de "especial importância", sobre a descarga de material de bordo para terra, onde não houvesse docas." Os membros do Conselho, alguns dos quais são diretores de pesquisas em grandes empresas industriais, ordenaram imediatamente o estudo de centenas de planos para a fabricação de embarcações especiais, de auto-caminhões anfíbios e de outros meios que pudessem satisfazer às necessidades espe-



**O anfíbio** "Jeep", tão valioso nas campanhas do Mediterrâneo e do Pacífico, foi uma das invenções apoiadas pelo Conselho. Uma vez por mês, seus membros se reúnem com oficiais do Exército e da Armada, para discutirem a respeito das necessidades técnicas militares e navais a serem preenchidas em futuras batalhas nas várias frentes da guerra

**O Dr. C. F. Kettering**, presidente do Conselho, é chefe da seção de pesquisas de uma fábrica de automóveis que agora produz armamentos



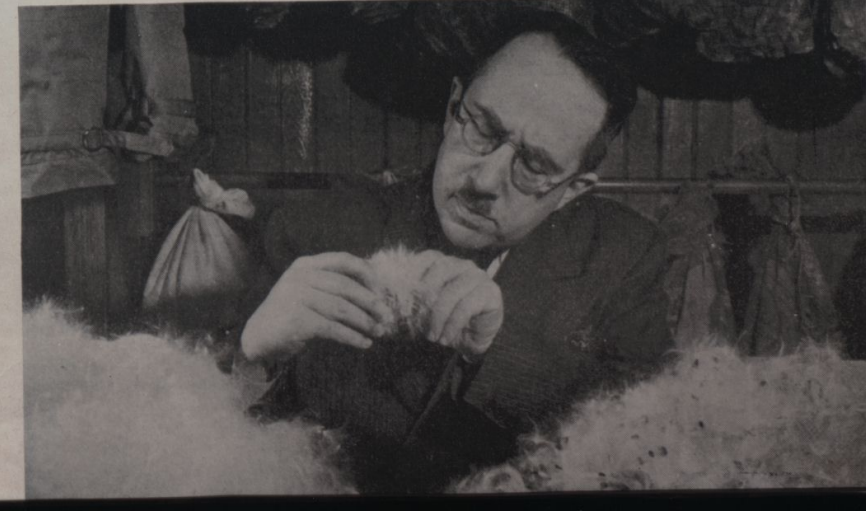
**O Dr. Thomas Midgley Jr.**, vice-presidente do Conselho, com o seu netinho. É o inventor da gasolina Ethyl, sendo autor de mais de 60 invenções de produtos químicos de arande aplicação



**O Dr. William Coolidge**, inventor das válvulas Coolidge, de raios X. É diretor de pesquisas de uma empresa



**O Dr. Boris Berkman**, que durante nove anos fez experiências com um musco especial e obteve a ajuda do Conselho para aplicá-la em salva-vidas, como substituto da paina que, antes, vinha de regiões da Ásia





(Continuação)

cíficas da campanha italiana. No intervalo dessas reuniões mensais, os trabalhos do Conselho prosseguem a cargo de doze comissões técnicas e de um grupo permanente de engenheiros especializados, em Washington.

Cada comissão é chefiada por um técnico especializado, que, em geral, também faz parte do Conselho. Seu trabalho é mantido em segredo, mas uma lista dos assuntos submetidos à sua consideração dá ligeira idéia da vasta variedade do trabalho inventivo que se registra no esforço de guerra.

Uma das comissões, por exemplo, estuda os "aparêlhos de controle à distância, acionados pela radioatividade, pelo som ou pela luz; veículos terrestres, minas terrestres, marítimas ou aéreas controladas a distância; aparêlhos para o controle, sob o mesmo princípio, de qualquer outro aparêlho; aparêlhos localizadores, acionados pelo som, pelo calor, pela radioatividade ou quaisquer outros raios conhecidos ou desconhecidos." A comissão de aeronáutica dá parecer sobre "aeroplanos, helicópteros, autogiros, instalação de motores em aviões, aparêlhos mais leve do que ar, controle de aviões, trem de aterrissagem, aparêlhos para evitar a acumulação de gelo nas asas dos aviões, equipamento de reabastecimento de combustível, catapultas e aparêlhos de retardamento." Outras comissões estudam "planos psicológicos e psiquiatria". Parte do trabalho de cada comissão se refere a planos aperfeiçoados pelos engenheiros técnicos de grandes empresas. O resto provém do público em geral, sendo encaminhado cujas sugestões são encaminhadas através da comissão técnica.

Estas idéias chegam, geralmente, pelo correio. Cada um dos seus autores recebe um número designativo nos arquivos do Conselho. Por ocasião do ataque contra Pearl Harbor havia 38.000 números registados, representando numerosos cidadãos dos Estados Unidos e de nações amigas, que tinham apresentado sugestões para novas armas e maquinismos. Havia 15.000 idéias, aproximadamente, sobre novos canhões, sobre munição, tanques, veículos anfíbios e aparêlhos de controle de tiro; 8.000 sobre aeroplanos, equipamento aeronáutico e motores e 15.000 a respeito de todas as demais necessidades da guerra, especialmente instrumentos geométricos e de ótica e rádio e tantos outros. Naturalmente muitas dessas idéias eram impraticáveis. Havia "ráios da morte" que não seriam capazes de matar um beija-flor; planos de aviões automá-



A distribuição da correspondência de uma dia, entre os engenheiros do Conselho. Até agora, o Conselho já recebeu mais de 160.000 sugestões para novas armas

ticos que nunca poderiam voar; projetos de couraças e de rédes protetoras contra torpedos, mas que reduziam tanto a velocidade dos navios que seria impossível dirigi-los em mau tempo. Todavia, mesmo durante seu primeiro ano de atividade, o Conselho informou que "o número de aparêlhos e de idéias com possibilidades é surpreendente e animador," e que "alguns dos aparêlhos ou armas submetidas podem ser classificadas como revolucionárias." Muitos dos inventores submeteram mais de uma idéia à apreciação do Conselho.

O número 235, constante dos arquivos, por exemplo, correspondia a um engenheiro chamado Harry J. Nichols, que submeteu nove sugestões. Hoje, cinco dessas sugestões estão em vários estágios de aperfeiçoamento. Aplicam-se a uma cápsula detonante, a um projétil capaz de perfurar qualquer couraça, a um estôjo de granada de rotação automática, a uma alça de mira de construção revolucionária, e uma espoleta de detonação automática, para canhões montados em aviões. Todas estas propostas chegaram pelo correio. Outras invenções são

apresentadas pessoalmente, por seus próprios autores. Certo dia, em 1941, compareceu ao Conselho um engenheiro, Roger Hofheins, sobraçando um rolo de desenhos técnicos. Residia na cidade de Buffalo, no Estado de Nova York, e achava que o automóvel "Jeep", que prestava tantos serviços em terra poderia ser transformado em um veículo anfíbio. O engenheiro tinha desenhado os detalhes das rodas que poderiam ser retraídas para dentro do casco, afim de diminuir a resistência da água, assim como uma peça para fazer a transmissão da força, da hélice para as rodas, com o simples toque de um dedo, e uma hélice instalada dentro de um recôncavo, sob o acento traseiro. Quasi que todas as peças essenciais seriam instaladas dentro do casco impermeável.

Os engenheiros do Conselho examinaram os planos e fizeram com que o inventor pudesse levar a efeito a sua invenção. O engenheiro construiu um modelo, em condições de funcionar. O Departamento da Guerra ofereceu-lhe um contrato e uma fábrica de automóveis se encarregou da produção em série do modelo. Hoje os "Jeeps" anfíbios Hofheins estão em serviço em todas as frentes de combate.

Outro inventor que também procurou o Conselho em 1941, foi um armeiro, de Nova York, inventor de uma arma de pequeno calibre, de tiro rápido. O major-general W. H. Tschappat, membro do Conselho, foi de opinião que a idéia era digna de ser tomada em consideração e submeteu-a às autoridades militares. Os técnicos do Exército não aprovaram o desenho original, mas sugeriram que o armeiro construísse uma metralhadora baseada nos mesmos princípios e a submetesse à concorrência como outros inventores, mais tarde, naquele ano. Para construir a metralhadora, o armeiro tinha que obter dois canos do tipo Browning e certas informações de uso restrito, a respeito de pesos e dimensões.

Soube-se então que o inventor não era cidadão dos Estados Unidos, mas da Alemanha e que, anteriormente, tinha trabalhado na fábrica Bofors, na Suécia, tendo conseguido vir para os Estados Unidos através dos bons ofícios dos consules norte-americanos em Stocolmo, em Moscou e em Tóquio. O Departamento de Estado facilitou o esclarecimento do seu caso, a pedido do Conselho, e o armeiro pôde, finalmente, conseguir as peças e as informações de que necessitava. Construiu a metralhadora, que, depois de aperfeiçoamentos, foi adotada.



# MARIAN ANDERSON

DURANTE os últimos sete anos Marian Anderson, que as autoridades em música consideram uma das maiores cantoras no mundo, pereorreu mais de 250.000 milhas, cantando em 326 cidades perante um público calculado em três milhões de pessoas, nos Estados Unidos, na Europa, na África e na América do Sul. Cantou perante o presidente dos Estados Unidos e os reis da Inglaterra, na Casa Branca, e, graças aos seus méritos, ao seu tato e modéstia, Marian Anderson tem feito, provavelmente, mais para grangear popularidade e respeito para a raça negra do que qualquer outra personalidade sua contemporânea.

A grande contralto, que conta 44 anos, nasceu em Filadélfia, filha de pais pobres. Aos seis anos de idade, fez a sua primeira aparição em público, cantando num dueto na igreja da sua paróquia. Quando tinha oito anos, já era conhecida como a "pequena contralto". Não obstante esse título, submeteu-se a todas as provas exigidas dos membros do corpo coral da igreja. Às vezes, substituía alguma soprano, ou outros cantores, tendo assim oportunidade de desenvolver extraordinariamente seu timbre de voz.

Aos doze anos, com o falecimento de seu pai, Marian passou a contribuir para a manutenção da família, através da sua participação em concertos, como assistente de artistas. Ao terminar seu curso secundário, a congregação da igreja fez uma coleta e ofereceu-lhe para "ajudar o seu futuro". Marian recebeu uma bolsa de estudos, cursou mais um ano de canto e, depois, sob os auspícios da Sociedade Coral de Filadélfia, deu um concerto que lhe proporcionou mais dois anos de estudos. Mais tarde, a sua magnífica "performance" realizada no Estádio Lewisohn, com a Orquestra Filarmônica de Nova York, garantiu-lhe um concerto com a Orquestra Filarmônica de Filadélfia.

Sua carreira como solista começou realmente em 1927, a princípio modestamente. Durante vários anos ela fez repetidas *tournees* na Europa, cantou no Carnegie Hall

de Nova York e foi distinguida com a bolsa Julius Rosenwald. Em 1935 começou a ganhar fama, fazendo então uma *tournee* de dois anos na Europa, alcançando o auge do seu sucesso durante o verão no grande centro musical de antes da guerra — Salsburg. O maestro Toscanini proclamou-a uma das maiores cantoras do mundo e, pouco depois ela regressou à América para dar um concerto em Nova York, em Dezembro.

No inverno seguinte, a cantora voltou novamente à Europa. Pretendia demorar-se um mês na Rússia, mas seu sucesso foi tal que a sua estadia prolongou-se por três meses. Tanto na Europa, na África, como na América do Sul, seu sucesso de bilheteria foi dos maiores. Foi distinguida com o Grand Prix du Chant, prêmio para a melhor voz gravada no Velho Continente e, em 1938, já nos Estados Unidos, fez uma de suas maiores *tournees* e que também constituiu a maior jamais feita por qualquer outra cantora, dando setenta concertos.

De numerosas universidades têm ela recebido títulos honoríficos musicais, tendo também sido distinguida com o Prêmio Bok, de 10.000 dólares, por ter "prestado um serviço de incalculável valia a bem dos interesses da comunidade cujo centro é Filadélfia." Ao receber o prêmio, ela declarou que empregaria o dinheiro para "facilitar aqueles que, embora talentosos, encontram dificuldade de realizar seu sonho artístico." Desde então estabeleceu uma série de bolsas para jovens cantores.

Em Maio último, Marian Anderson fez a sua primeira visita ao México, onde, durante duas semanas deu seis concertos na Cidade do México, sendo os bilhetes vendidos totalmente com duas semanas de antecedência. Foi entusiasticamente aclamada pelos mais notáveis pintores, músicos e atores do México, dentre os quais se destacavam Diego Rivera, Miguel Covarrubias, Dolores del Río e Carlos Chavez. Foi mais uma consagração a reunir-se às muitas feitas à artista noutras partes do mundo.



Engenheiros em conferência com a Sra. Leonora Kuhn, tradutora espanhola, a respeito de sugestões para novas armas, apresentadas por inventores de países onde se fala o idioma espanhol. Até o presente, o Conselho já aprovou 6.000 invenções para estudos

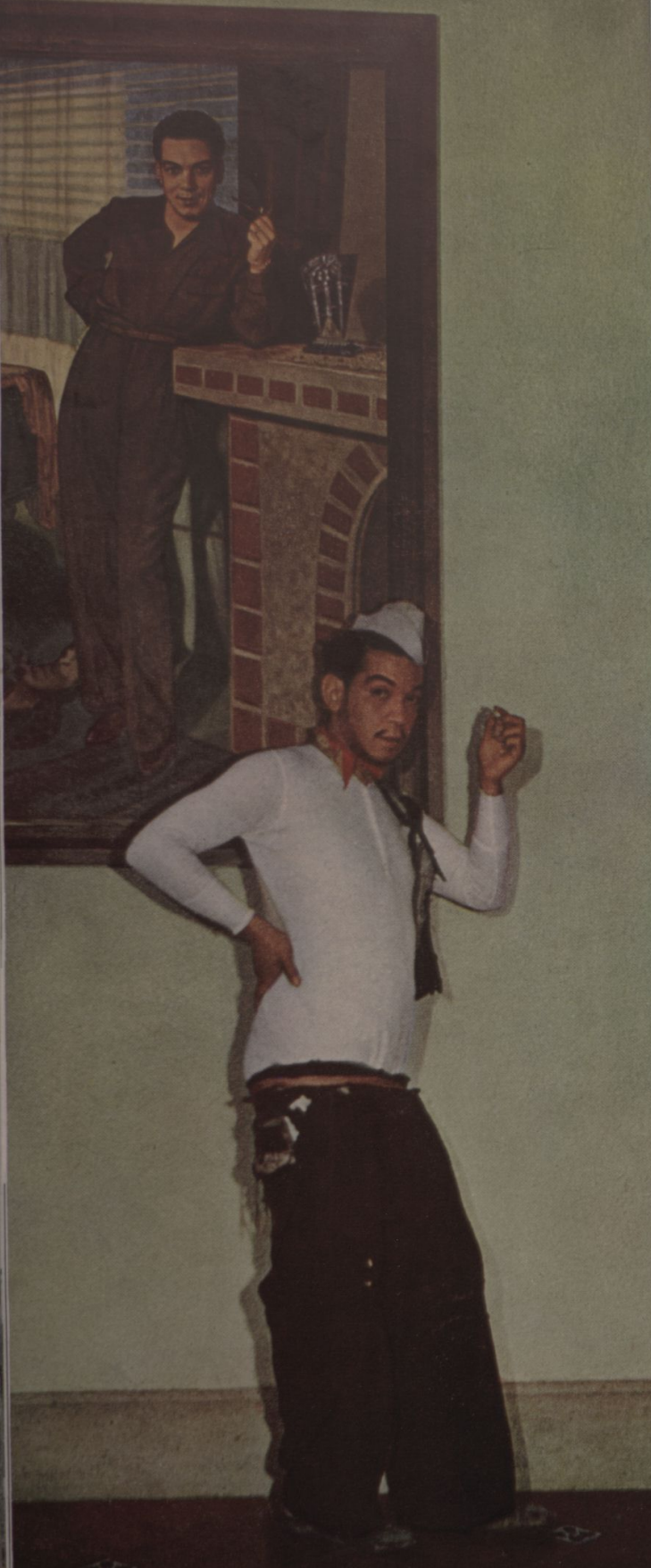


Alguns dos inventores apresentam seus planos acompanhados dos respectivos modelos. O Conselho recebe muitas invenções impraticáveis, mas não deixa de examinar cada uma delas com o mesmo interesse, sobretudo aquelas que se referem a novas armas



Marian Anderson ao receber o título honorário de Doutora em Música das mãos do diretor Beury, da Universidade Temple, em reconhecimento da sua proeminência entre os notáveis artistas

# O CINEMA MEXICANO



A famosa "starlet" mexicana Maria Felix. Foi descoberta por Fernando Pacios, que a dirigiu em "El Chino Poblano". Seu maior sucesso é "Dona Barbara. Em baixo: J. Negrete e Gloria Marín, numa cena de "Una Carta de Amor"



Cantinfias (à esquerda), em seu famoso traje, ao lado de um retrato seu, tal como ele realmente é fora da tela. O comediante mexicano, que é o mais popular nas repúblicas do sul, começou sua carreira na simples e modesta vida de circo. Na vida privada, ele é Mario Moreno, cultor da filosofia do bom humor

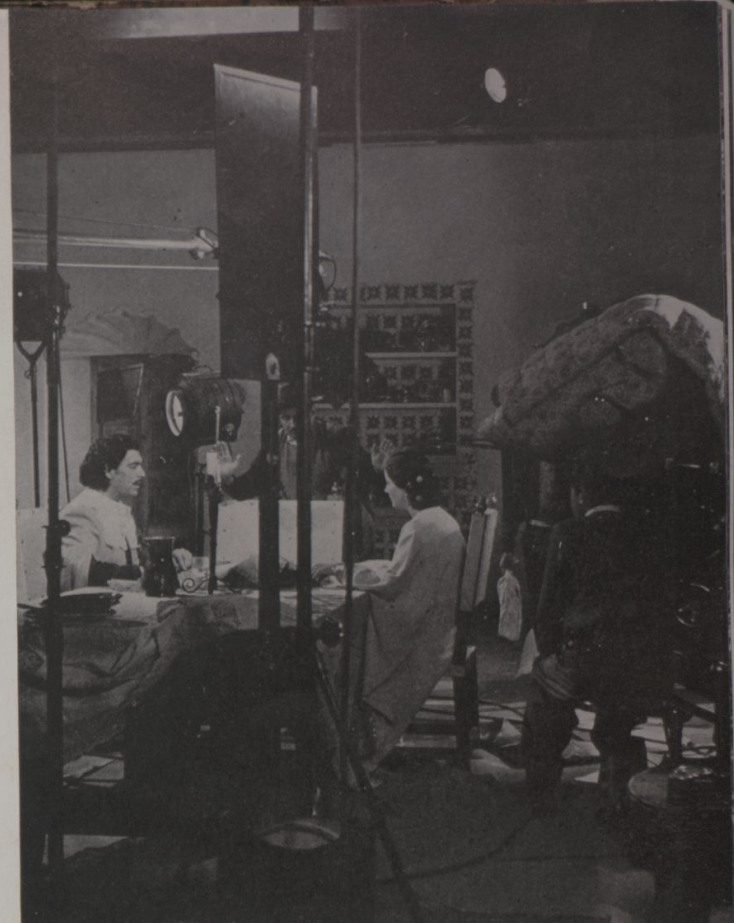
O CINEMA mexicano está alcançando o desenvolvimento de uma grande indústria. Durante o ano passado o programa da produção foi de sessenta filmes, número que constitui um verdadeiro *record* para o México. Todos os estúdios, o Clasa, o Azteca, o Stahl e tantos outros estão trabalhando dia e noite.

Há razão para isso. São mais numerosos agora os cinemas equipados para a projeção de filmes sonoros e os filmes estão sendo de excelente qualidade. Graças a esses fatores, as companhias produtoras não têm encontrado dificuldade em conseguir os capitais necessários, dos bancos e de particulares.

O maior estúdio é o Clasa, cuja empresa é presidida por Alberto Pani, proprietário de um grande hotel na Cidade do México. A sede do estúdio fica a cinco milhas ao sul da capital da república, na estrada que comunica com Xochimilco. Esse local foi escolhido porque ali a luz é excelente para a filmagem ao ar livre.

O visitante que se aproxima do estúdio da Clasa nota imediatamente os grandes edifícios brancos onde estão instalados os palcos aparelhados para as produções sonoras. Depois de devidamente identificado pelo porteiro, o visitante dirige-se, no seu automóvel, pela magnífica alameda que vái ter ao ponto de estacionamento de veículos. Nos primeiros edifícios estão os laboratórios, onde os negativos são revelados e as cópias são tiradas para serem imediatamente examinadas na sala de projeção situada no edifício ao lado. Há ali um pequeno salão de cinema completamente equipado, onde os diretores, ao assistirem a exibição do filme, observam o que está bem feito e o que deve ser refeito. Fora da sala de projeção, piratas, soldados artistas de cabeleiras postiças e mulheres em trajes que representam variantes de muitas épocas, movimentam-se continuamente, dirigindo-se aos palcos ou ao refeitório, situado este a pouca distância.

No refeitório, onde todos se reúnem com a máxima simplicidade, há grande confusão natural num local de tal natureza. Todos estão apressados e chamando em altas vozes, amigos e conhecidos. Os diretores comem com os *cameramen*, com as estrelas e *starlets*, com os extras e demais empregados. No local da filmagem estão banqueiros, cronistas cinematográficos e visitantes, procedentes de todos os pontos do país e do estrangeiro, interessados em ver o trabalho dos artistas. Sempre que é necessário, a filmagem é feita em local apropriado, ao ar livre, em Aca-



Filmando uma cena do filme "El Chino Poblano", nos estúdios da Clasa. A "camera" está coberta para absorver o ruído e as luzes estão dispostas de acôrdo com o ângulo escolhido. Em baixo: nos estúdios da Azteca, durante a filmagem de "Un Pecado de una Madre", Ramón Pereda (de charuto), é o produtor e ator principal dâste e da maioria dos seus filmes



Ester Fernandez a popular artista mexicana, estrela da recente produção "Allá en el trópico". "Santa" foi, provavelmente, o seu melhor filme ultimamente. Em muitas produções a artista tem se apresentado juntamente com o famoso cantor e ator Tito Guizar. As produções são filmadas em varias localidades





Durante um dos intervalos de uma filmagem, o diretor mexicano A. Galindo (apoiado na cabeceira da cama) troca idéias com o seu "cameraman", Víctor Herrera

**(Continuação)**

pulco, em Guadalajara, em Sonora e em Yucatan. O estúdio Clasa está completamente aparelhado para a produção de filmes. Num de seus palcos instalado para a tomada de filmes sonoros, pode dar-se começo a uma produção e, em seguida, continuar o trabalho ao ar livre em espaçosa área de terreno, e retornar ao estúdio para o seu acabamento. Técnicos de Hollywood têm sido contratados para ministrar conhecimentos de novos métodos de fotografia, de som e de tratamento dos filmes nos laboratórios. Numerosos carpinteiros, experimentados na arte de improvisar cenários, trabalham rapidamente, seja na construção do interior de uma galera de piratas ou num enorme salão de baile, pronto para receber centenas de pares. Os eletricitistas, por sua vez, estão equipados para atender a todas as exigências dos diretores de cena, em matéria de gradação dos efeitos de luz necessária.

Há também facilidade de construção de sets em miniatura, representando cenas de grande efeito, tais como um combóio de navios em pleno mar, grandes explosões, etc., cenas que, depois, são ampliadas devidamente na tela. No mesmo edifício faz-se o trabalho de fotografar os títulos dos filmes e as legendas contendo os nomes de artistas e diretores, e ali os diretores e os cameramen acompanham todo o progresso dos seus respectivos trabalhos. Finalmente, quando o filme está terminado, procede-se ao corte e à impressão da cópia definitiva para ser exibida ao público.

O estúdio da Clasa é apenas um exemplo. A mesma organização existe no estúdio da Azteca, de propriedade de Juan Calderon, situado a três milhas do centro da Cidade do México. Nesse estúdio notam-se os novos palcos sonoros ora em construção. A Azteca tem produzido alguns dos melhores filmes mexicanos, em amplos palcos sonoros que, às vezes, são das dimensões de metade de um quarteirão. Dentre os novos filmes produzidos nesse estúdio, destacam-se "San Francisco de Assis", "Ojos Negros" e "La Dama de las Camélias".

A vida nos sets e nas ruas batidas de sol dos estúdios é jovial e simples, mas transcorre numa atmosfera de intenso e verdadeiro trabalho. Todos compreendem que não há tempo para brincadeiras. A produção de filmes custa dinheiro e cada minuto que passa tem que ser pago pelo produtor.

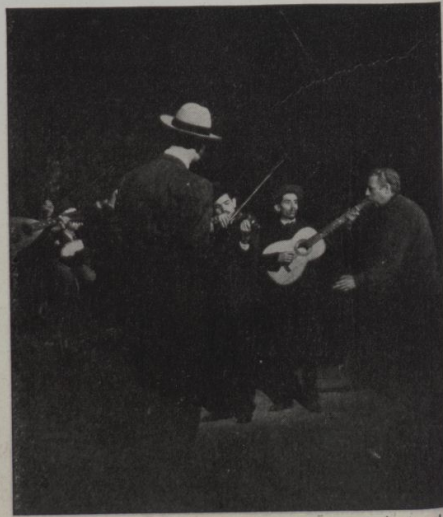
Todos os trabalhadores nos estúdios pertencem à União de Trabalhadores de Estúdios Cinematográficos, que, por intermédio do seu secretário geral, Enrique Solis, coopera com as companhias produtoras, proporcionando-lhes pessoal técnico e seus auxiliares.



Uma cena ao ar livre nos estúdios Clasa, com Blanca de Castejon, uma estrela loura de grande popularidade. Aqui a vemos vestida para uma cena de cabaret. O refeitório de estúdio fica à direita; à esquerda, está o escritório da União dos Trabalhadores de Estúdios Cinematográficos. Em baixo: nas cenas ao ar livre torna-se necessário o uso de refletores. Um guarda-sol protege a máquina cinematográfica contra o sol



Mario Moreno o famoso comediante, criador de "Cantinflas", em companhia da popular estrela Dolores del Rio. Um dos seus mais recentes filmes é "Xochinilco" com Pedro Armendariz, dirigido por Emilio Fernandez



Fernando Soler dirigindo a orquestra na produção do filme "Ojos Negros". Soler, famoso ator característico, o dirige



O diretor Fernando Palacios durante uma filmagem. Vê-se ao centro um refletor para realçar os efeitos da luz solar





O almirante Ernest J. King ao assumir o comando da esquadra do Atlântico, a bordo do couraçado "Texas". Agora ele está comandando a esquadra inteira dos Estados Unidos



O alto comando naval dos E.E.U.U.: da direita para a esquerda, contra-almirante J. H. Newton, vice-almirante Frederick J. Horne, almirante King, vice-almirante Russell Willson, contra-almirante Richard S. Edwards. Em menos de onze meses, em 1943, a Marinha dobrou a sua já formidável frota. O almirante King comanda atualmente 850 unidades de combate

# ALMIRANTE KING

COMO comandante-em-chefe da esquadra dos Estados Unidos e como chefe das operações navais, o almirante Ernest Joseph King dirige a poderosa parte das forças aliadas que, nos mares, tem estado em constante atividade, derrotando os japoneses na área das ilhas de Salomão, nas ilhas Aleutas e infligindo à sua frota mercante perdas já calculadas em um quinto do total dos seus navios. No outro lado do mundo, ele dirige as forças navais que estão participando na contínua e crescente destruição dos submarinos alemães e que tanto contribuíram para o bom êxito da invasão da África do norte e da Itália.

"Façam o melhor que puderem com os elementos de que dispõem," é o seu conselho. Em princípios de 1942, pouco depois de ter sido nomeado chefe da esquadra, pelo Presidente Roosevelt, o almirante declarou: "E' com orgulho que vejo se aproximar o dia da nossa vitória, porque nenhum almirante já teve sob seu comando um núcleo de combatentes mais valeroso do que o nosso."

O almirante King nasceu no Estado de Ohio, em 1878. Desde menino que revelou grande fascinação pela vida do mar. Em 1897, depois de brilhante concurso, matriculou-se na Escola Naval, onde concluiu o curso, numa turma de sessenta e sete aspirantes, sendo classificado em quarto lugar. Aspirante ainda, já estava ele prestando serviço de guerra, a bordo do cruzador *San Francisco*, durante o bloqueio de Havana, por ocasião da guerra hispano-americana — o conflito do qual decorreu a libertação de Cuba do domínio espanhol e o estabelecimento do regime republicano para os cubanos. Durante a primeira guerra mundial, já como oficial superior, King serviu como assistente do estado-maior do almirante Henry T. Mayo, comandante-em-chefe da esquadra do Atlântico. Tomou parte, juntamente com o almirante Jellicoe, no bombardeio de Ostend, na Bélgica, tendo sido distinguido depois com a Cruz da Marinha. Ao terminar a guerra, foi nomeado diretor da Escola Naval de Aperfeiçoamento, em Anápolis. Em 1923, assumiu o comando de uma das bases de submarinos e, em 1928, depois de ter conseguido seu "brevet" de aviador, foi nomeado comandante da força aérea naval de observação. Contava já 49 anos de idade quando decidiu fazer seu curso aeronáutico na Escola de Aviação Naval de Pensacola, na Florida, tendo obtido suas "asas" numa idade em que muitos especialistas consideravam avançada de mais para tal propósito. Ao matricular-se no curso aeronáutico, fez questão de começar na condição de simples cadete, em vez de se valer do curso particular a que tinha direito em virtude do seu alto posto de oficial superior.

Graças aos seus conhecimentos aeronáuticos, foi nomeado assistente do diretor da Aviação Naval, assumindo, nessa capacidade, o comando do grande porta-aviões *Lexington*. Em 1933, passou a ser diretor da Aeronáutica Naval, tendo então dado início à grande expansão à força aérea da Marinha, especialmente quanto aos aviões de patrulha e bombardeiros de mergulho. Estabeleceu a coordenação entre os navios de combate, os porta-aviões e as esquadilhas aéreas e dirigiu várias expedições navais a pontos situados no Alaska e nas ilhas Aleutas, para a construção de bases aéreas em regiões pantanosas e rochosas.

O almirante King anteviu o alastramento da segunda conflagração na Europa a outras partes do mundo e preparou-se para qualquer eventualidade. Em 1940, quando exercia o comando das forças de patrulhamento aéreo-naval deu ordens para o ataque contra qualquer submarino alemão encontrado nas proximidades das costas dos Estados Unidos. Em Fevereiro de 1941, já então como comandante-em-chefe da esquadra do Atlântico, ordenou a rigorosa prontidão de todas as unidades sob seu comando, interessando-se constantemente na obtenção de mais navios, mais homens e mais armamento e munição.

Quando o Presidente Roosevelt o nomeou comandante da esquadra, o almirante King, jocosamente, advertiu: "Está me dando um grande pedaço de pão, mas muito pouca manteiga." Referia-se ao fato de ter de patrulhar uma enorme área do Atlântico com um número de navios relativamente pequeno. Foi aumentado o número de unidades navais e, meses depois, o presidente indagou: "Então, está gostando da manteiga?" Ao que o almirante retorquiu: "A manteiga é boa, mas o pão aumenta cada vez mais."

Com a nomeação do almirante King para o comando em chefe da esquadra dos Estados Unidos, em fins de 1941, seu pão passou a ser o mundo inteiro, e a manteiga aumentou proporcionalmente. O almirante agora tem a seu cargo os planos de batalha e dirige a estratégia americana naval na guerra, sendo um dos membros do conjunto de chefes do estado-maior dos aliados, ao qual compete estabelecer, dirigir e coordenar a ação dos aliados na guerra. O almirante King permanece a bordo do seu navio capitânea, o *Dauntless*, um dos grandes hiates da Marinha.



O almirante King, aos 49 anos de idade, entrando na nacele de um avião para fazer o seu curso aeronáutico. Graças aos seus conhecimentos, como aviador, a Aviação Naval tem tido grande desenvolvimento. A Marinha está em vias de completar uma força de aviões de combate calculada em 31.000. Em 1943 foram construídos mais de 40 porta-aviões



O almirante King, numa das ruas do Recife, com o vice-almirante Jonas Ingram (à direita) e o tenente D. Frost, por ocasião da sua visita à base naval da cidade brasileira, em sua viagem de regresso das conferências do Cairo e de Teheran



A tomada das bases japonesas pelas forças americanas requerem longas horas de planificação. Em Pearl Harbor, o almirante King discute os problemas estratégicos com o almirante C. W. Nimitz (à esquerda) e com o almirante W. P. Halsey Jr. (à direita)

# ESTRATÉGIA METEORÓLIGA

Os povos primitivos acreditavam que o tempo estava sob o poder dos deuses. Os gregos apresentavam Apolo como o rei-sol, em disparada em sua biga, através dos céus; enquanto que os teutões acreditavam que Thor era quem dominava a trovão e as tempestades. Hoje em dia, não se explica mais o tempo como sendo um mero capricho de tais seres. Os agricultores são informados da melhor época para fazer suas plantações, as linhas aéreas comerciais são prevenidas para tomar precauções e os chefes militares recebem informes sobre a ocasião mais propícia para atacar o inimigo, graças à análise científica das condições atmosféricas e sua acurada previsão.

Procede-se atualmente, nos Estados Unidos e nas demais Republicas Americanas, a um programa de estudos meteorológicos do qual estão participando 200 estudantes procedentes de vários países americanos. O curso foi feito este ano em Medellín, na Colômbia, e os 46 alunos que mais se distinguiram estão agora nos Estados Unidos completando os estudos, que consistem de um curso de nove meses de aperfeiçoamento e outro de três meses de trabalhos práticos nas estações meteorológicas do governo norte-americano.

A guerra, naturalmente, acentuou consideravelmente a necessidade desses estudos, mas os mesmos já estavam muito antes bastante desenvolvidos. Nos Estados Unidos, por exemplo, o primeiro serviço meteorológico foi estabelecido em 1871. Em 1930, Irving P. Krick, na Califórnia, deu grande desenvolvimento aos métodos de previsão do tempo, com possibilidades de uma antecedência de várias semanas. Fez seus estudos no Instituto de Tecnologia da Califórnia e depois na Europa, regressando aos Estados Unidos para criar o Serviço Industrial de Meteorologia Krick.

A iniciativa foi bem sucedida, prestando valiosos serviços às companhias de cinema, às empresas de combustíveis e inúmeras outras cujas atividades dependiam, de certa forma, das condições do tempo. Os agricultores no vale do Rio Grande, assinantes do serviço Krick, tinham excelentes safras em contraste com as perdas sofridas pelos seus vizinhos.

Servindo atualmente como oficial do serviço meteorológico da Aviação Militar dos Estados Unidos, o major Krick está ajudando a preparação técnica de milhares de estudantes de meteorologia, no Exército. Juntamente com estes estão fazendo os cursos os estudantes das outras nações americanas, matriculados na Universidade de Chicago, no Instituto de Tecnologia de Massachusetts, no Instituto de Tecnologia da Califórnia, na Universidade de Nova York, no Colégio de Iowa e na Universidade da Califórnia, em Los Angeles.

O curso que estão fazendo lhes proporciona conhecimentos sobre a previsão de tempo que serão tão valiosos em tempo de paz como o são durante a guerra, garantindo as operações. Quando começou a guerra, a sorte da Alemanha nas suas campanhas era considerada como coisa fenomenal. Na verdade, o estado-maior alemão muito deve tal sorte à cooperação de especialistas em meteorologia. Assim que as previsões de tempo eram favoráveis para certas campanhas, os chefes nazistas informavam os respectivos comandos militares afim de procederem ao ataque. Eram previsões mais acuradas e mais detalhadas do que as previsões do tempo de paz, para usos civis e comerciais.

Nestes últimos meses, as Nações Unidas têm se servido das previsões do tempo para lançar, na ocasião conveniente, vários ataques contra o inimigo, com grande vantagem. Quando as tropas dos Estados Unidos desembarcaram na ilha de Attú, do arquipélago das Aleutas, uma estação meteorológica foi imediatamente instalada para fins exclusivamente militares. Quando surgia um dos raros dias claros naquela região, os comandantes da aviação militar e naval já estavam informados com antecedência e tinham se preparado para realizar os ataques em grande escala que, finalmente, eliminaram os japoneses daquela área.

O dia exato da invasão da Sicília foi marcado pelos meteorologistas aliados. Os chefes das Nações Unidas queriam que a invasão fosse levada a efeito numa noite, quando as massas de ar frio procedessem da Itália, invertendo a direção do vento. A "frente de frio" devia assegurar um mar picado para as primeiras embarcações que se aproximassem do litoral, condição essencial para torná-las um alvo difícil, caso fossem atacadas pelas baterias de terra. Mais tarde, durante a manhã, devia seguir-se a calmaria. E assim aconteceu. Os primeiros desembarques foram feitos com o mar agitado, mas os chefes militares conseguiram os resultados esperados.

Tais previsões de tempo requerem peritos especializados nos métodos de meteorologia. Os técnicos militares estão aperfeiçoando novos instrumentos e nova técnica que serão de grande utilidade depois da guerra, nas previsões de longo alcance. Está sendo preparado um atlas do tempo de metade do mundo, segundo os dados colhidos durante os últimos 40 anos. Cada dia desse longo período corresponde a um gráfico especialmente preparado e impresso para distribuição entre os meteorologistas que ora estão a serviço das forças armadas dos Estados Unidos. Cada carta representada por esses gráficos é um mapa, assinalando os ventos, a pressão atmosférica e a umidade registrada em pequenas regiões.



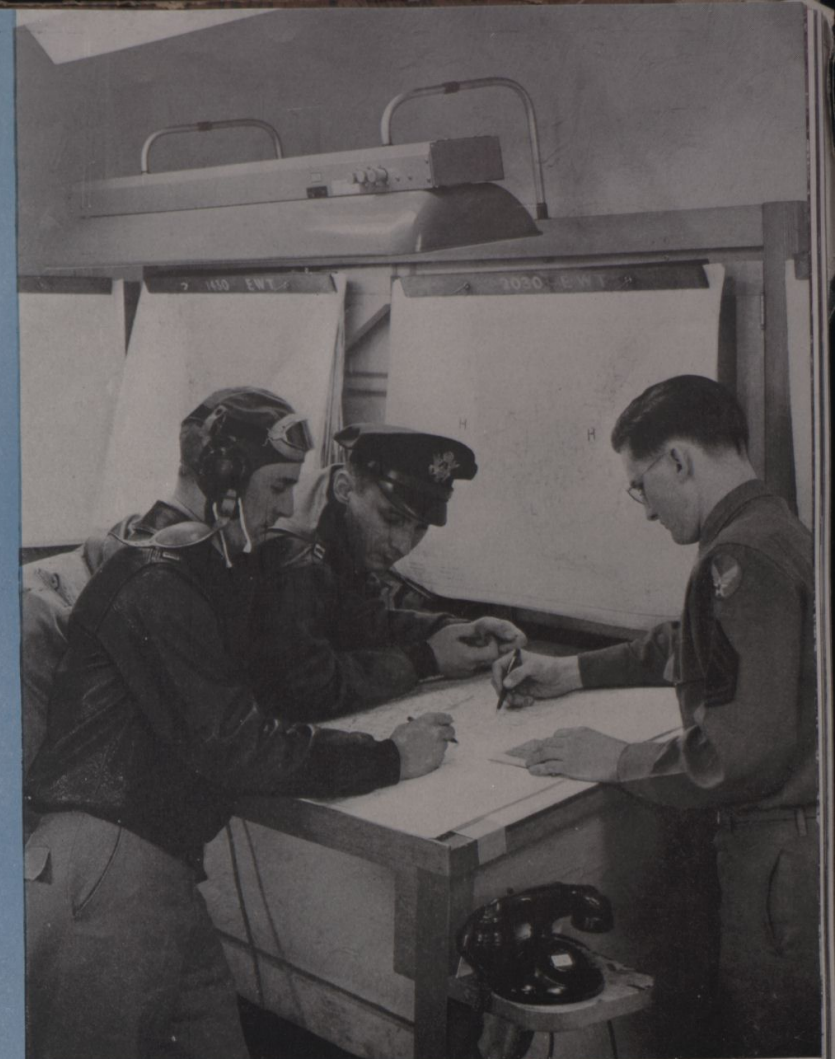
**Exercícios** com balões de observação na Escola Interamericana de Meteorologia, em Medellín, na Colômbia. Da frente para trás: J. A. Gonzalez, do Salvador; A. San Martín Casaca, de Honduras; P. M. Sanabria, da Venezuela; C. A. Dávila, do Equador; W. Blanchet, do Haiti; B. Novoa B., do Perú; M. P. Hernandez, de Cuba; C. G. Marino, do Uruguái; Prof. L. E. Mena, do Equador. Em baixo: os estudantes também aprendem a formular os planos para a observação com balões. Da esquerda para a direita: A. J. Cano, da Colômbia; T. Palas, do Uruguái; Prof. S. E. Vieira, do Uruguái e E. Liddle, da Argentina



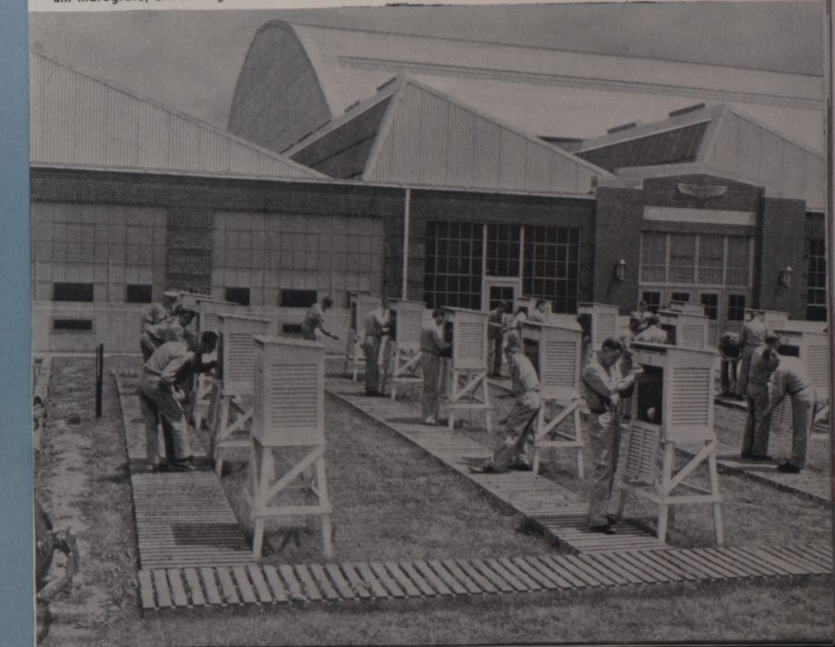
**Centenas** de estações meteorológicas dos Estados Unidos, como a que se vê na gravura, estão a cargo de observadores que coordenam e interpretam as informações sobre o tempo, para os aviadores



**Cadetes** de aviação dos E.E.U.U. estudando a frequência das chuvas, na Universidade de Califórnia, em Los Angeles. Há atualmente estudando meteorologia nos E.E.U.U. 46 alunos sul-americanos



**Antes** de fazerem um vôo, os pilotos norte-americanos recebem detalhadas informações meteorológicas de especialistas graduados pela Aviação Militar dos Estados Unidos. Previsões de longo alcance, que virão ser de grande utilidade para a aviação comercial, depois da guerra, deverão conseguir-se por meio de novos instrumentos e de nova técnica atualmente em aperfeiçoamento. Em baixo: estudantes de meteorologia fazendo observações das variações da umidade e da temperatura em pequenos compartimentos onde há um hidrógrafo, um termógrafo e dois termômetros. A meteorologia prestará grandes serviços à agricultura



# JOSÉ MARTÍ

**JOSÉ MARTÍ**, famoso patriota cubano e escritor do século XIX, passou a maior parte dos últimos quinze anos de sua curta vida na América do Norte. Esteve pela primeira vez nos Estados Unidos quando tinha 23 anos e, então, já era portador de uma longa fé de ofício revolucionária. Muito moço ainda, Martí, começou a alimentar a idéia de libertar Cuba do domínio espanhol e resolveu dedicar sua vida a essa grande causa, e na América inteira teve considerável repercussão a ação indômita desse patriota.

Aos 17 anos de idade, foi, por causa de seus ardorosos artigos políticos, preso e deportado para a Espanha. Três anos depois, em 1873, fez uma viagem a Paris, a Londres e outras capitais européias, estudando as suas respectivas instituições governamentais e espalhando a idéia da independência de Cuba. Passou depois três ou quatro anos no México e na Guatemala, onde dirigiu revistas, escreveu artigos e fez numerosas conferências, pregando suas teorias separatistas. Em 1878 esteve em Cuba, ligeiramente, pois, participando no ano seguinte num movimento revolucionário foi, pela segunda vez, preso e deportado para a Espanha.

Seu período na América do Norte começou em 1880, em Nova York. Sabendo que os Estados Unidos, cujas tradições de liberdade já datavam de quasi um século, lhe permitiriam lançar suas idéias políticas, dedicou-se à sua causa, de corpo e alma, escrevendo bastante e fazendo conferências públicas. Como correspondente de jornais da Venezuela e da Argentina, urgiu infatigavelmente a libertação cubana. Charles A. Dana, então famoso jornalista americano, editor do *New York Sun* convidou-o para colaborar no seu jornal. Martí percorreu o país até a Florida, fazendo conferências, e aproveitou a sua estadia nos Estados Unidos para fazer um profundo estudo dos costumes e das instituições norte-americanas. Como Sarmiento, ele apreciava o vigor e a liberdade reinantes nos Estados Unidos, mas se externava com louvável franqueza na sua apreciação crítica. Lembra que havia senões e inconveniências na prosperidade puramente material. Bateu-se ardentemente pelo conagraamento das nações americanas, enaltecendo a comunhão dos seus ideais, estes mesmos ideais que agora se realizam sob os melhores auspícios. Referindo-se à situação antes reinante nos países americanos, dizia: "Eramos mascarados, com as calças da Inglaterra, o colête parisiense, o paletó norte-americano e o barrete espanhol."

Conquanto Martí tivesse sido, durante os quinze anos da sua permanência nos Estados Unidos, o fundador e o diretor do Partido Revolucionário Cubano, seus trabalhos não foram exclusivamente de caráter político. Encontrou tempo para escrever uma peça teatral, sobre o amor, uma novela sobre a amizade e numerosos versos repassados de pungente nostalgia. Martí enalteceu calorosamente o Congresso dos Estados Unidos, quando foi da concessão

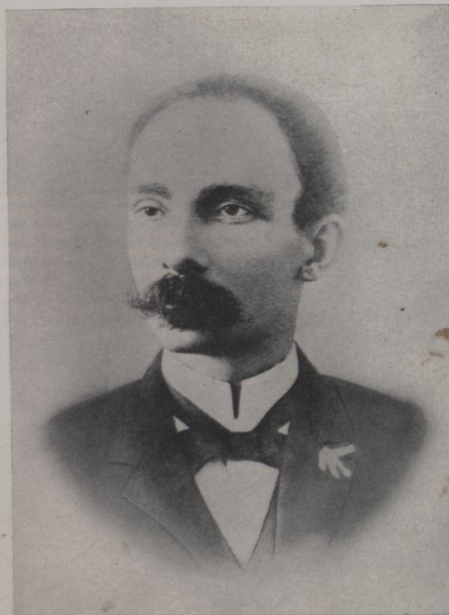
do direito de cidadania aos índios e referia-se com profunda simpatia à situação dos negros, que, naquela época estavam lutando pela sua segurança econômica, depois de terem sido libertados da escravatura. "Quando chegarem os dias da probrêsa," indagava ele, "que opulência, senão a do espírito, poderá ajudar este povo no seu colossal infortúnio?"

Como poeta, José Martí familiarizou-se com vários poetas proeminentes norte-americanos do século passado, dentro os quais, Walt Whitman, Henry Wadsworth, Longfellow e Ralph Waldo Emerson. Por Whitman tinha ele uma apreciação extraordinária:

"Somente as obras sagradas da antiguidade oferecem uma doutrina que se pode comparar, pela sua profética linguagem e robusto sabor poético, à doutrina que, em grandiosos e sacerdotais apotegmas emite, em jorros de luz, este velho poeta. É digno de estudo, porque se não é o poeta de melhor gosto, é o mais intrépido, o mais profundo e desembaraçado do seu tempo."

Sobre Longfellow, escreveu ele:

"Tinha aquela formosura mística dos homens bons; o colorido sadio dos castos; a arrogância magnífica dos virtuosos; a bondade dos grandes, a tristeza dos vivos, e aquele anêlo de morte que torna bela a vida. Seus versos são como que urnas sonoras, como que estátuas gregas. Parecem pequenos, ao olhar frívolo, como parece, pela primeira



**José Martí**, um dos heróis da luta pela independência de Cuba. Nos Estados Unidos ele encontrou apóio para sua causa

vez, tudo que é grande. Mas, imediatamente, deles surge, como das estátuas gregas, o suave encanto da proporção e da harmonia."

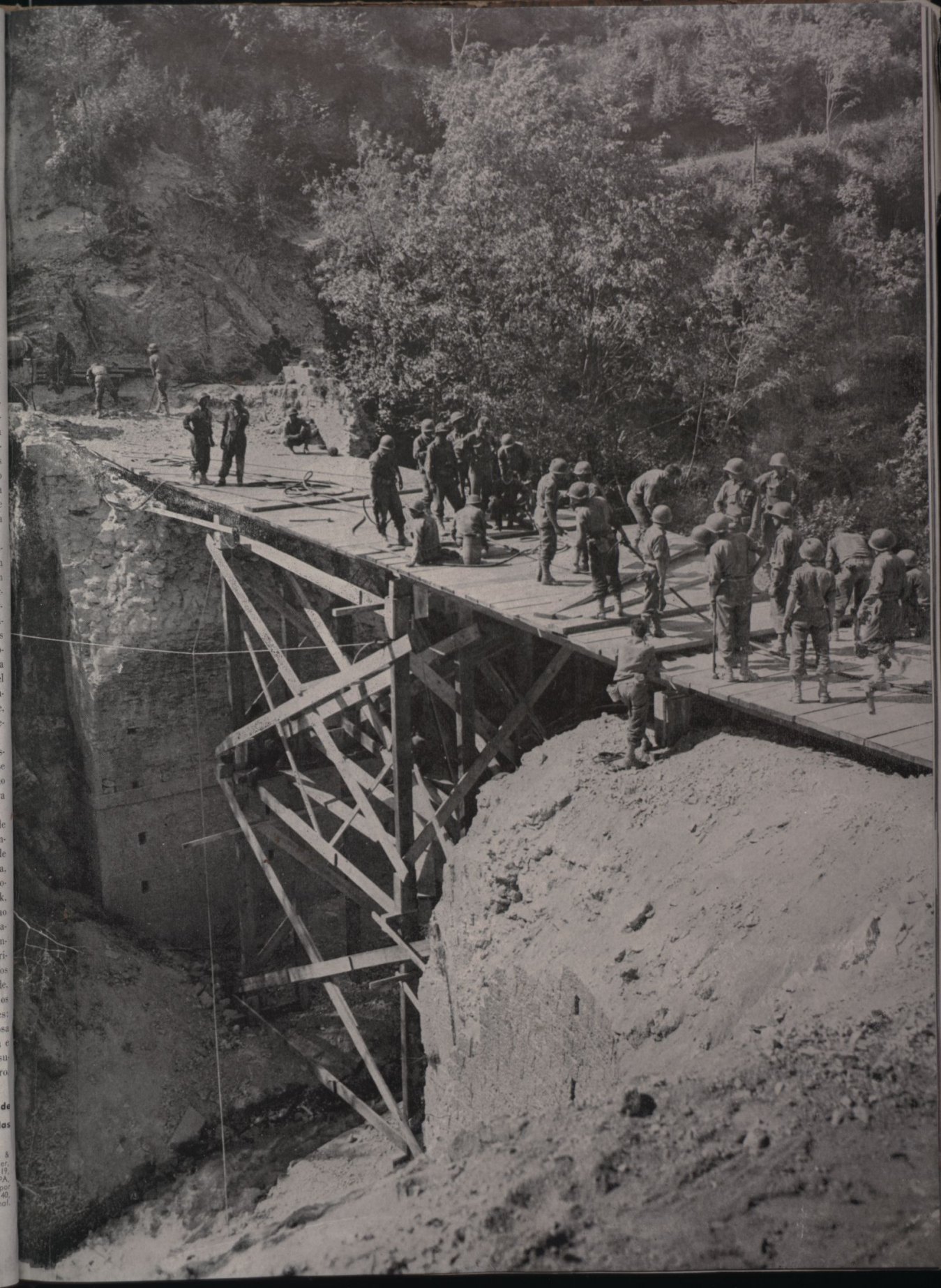
Martí era igualmente entusiasta de Emerson, do qual dizia que "era um desses a quem a natureza se revela e se abre e estende seus múltiplos braços, como a cobrir com eles o corpo do seu filho. Que visões, a de seus olhos! Que mandamentos, eram seus livros! Seus versos, que vãos de anjos! E sua poesia está feita como aqueles palácios de Florência, construídos com pedras colossais, irregulares. Tem um ritmo vigoroso como o das ondas do mar. De outras vezes, tem a delicadeza da mão de uma criança, das pétalas de uma rosa. Anêlo maravilhoso! A teus pés deixo todas as minhas homenagens e o meu entusiasmo!"

A cultura do grande apóstolo da libertação cubana era profunda, abrangendo também os humoristas e os cientistas norte-americanos. Refere-se a David Locke como tendo "contribuído para o triunfo da guerra contra o sul e para a benevolência dos vencedores, com suas cartas críticas, que eram o deleite de Lincoln"; e, de Asa Gray, disse que era "um botânico que começou a vida como curtidor e labrego, mas morreu celebrado, onde quer que haja ciência, como o lugar-tenente de Darwin."

Graças às suas extraordinárias qualidades de espírito e de inteligência, José Martí era um homem de ação vigorosa e comunicativa. Como consul, em Nova York, das Repúblicas do Paraguai e da Argentina e como vice-geral do Uruguai, ele tornou-se um símbolo da liberdade americana para muitos cidadãos proeminentes dos Estados Unidos. Em 1886, ao assistir as cerimônias comemorativas da chegada, ao porto de Nova York, da estátua da Liberdade — o memorável presente da França — não escondeu seu entusiasmo ao contemplar a grande multidão que, irmanada no espírito da solenidade, compareceu ao grande acontecimento.

"Liberdade! É a hora da tua chegada!" escreveu ele. "Vieste trazida em gloriosa apoteose pelo mundo inteiro. Aqui estás como um sonho do poeta, grande como o espaço entre a terra e o céu!"

A devoção de Martí pelas causas que ele abraçava se manifestava mais do que em simples oratória. Tomava parte ativa na coleta de fundos para a causa revolucionária cubana, agindo com a máxima cautela, porque as autoridades consulares espanholas, em Nova York, não o perdiam de vista. Foi a Costa Rica, ao Panamá e ao México, para tratar da organização de grupos revolucionários. Em 1895, acompanhado de cinco outros cidadãos latino-americanos, embarcou para Cuba, onde aos 42 anos de idade, perdeu a vida, a serviço da liberdade, na batalha de Dos Rios. A fé nos seus desígnios se reflete numa das suas próprias afirmações: "O dever mais urgente da nossa grandiosa América é mostrar-se como é, unida em alma e em intento, vencedora veloz de um passado sufocante." Martí, de fato, confiava no futuro



No gravura à direita vê-se uma ponte, na Itália, destruída pelos alemães, no auge da campanha, e reconstruída no curto período de dez horas, pelas tropas de engenharia do Exército dos EE.UU. A rapidez na perseguição do inimigo depende, frequentemente, do tempo necessário para fazer os reparos de pontes e estradas

São das seguintes procedências as fotografias publicadas neste número: Copas, Steichen, da Marinha dos EE.UU., Acme, Harris Ewing, Larry Springfield, do CAI, Páginas; 2, Acme, 3, PA, 4, Harris & Ewing, Acme, 5, Harris & Ewing, Interl, 6, Acme, PA, Harris & Ewing, 7, Interl, PA, Acme, Int'l, 8, Harry G. Tredinnick, 9, Aviação Militar dos EE.UU., 10, Baltimore Sun, Amsterdam Evening Recorder, 11, Baltimore Sun, Cornell Courier, 12, Baltimore Sun, Harry G. Tredinnick, 13, Baltimore Sun, PA, 14, Baltimore Sun, Anderson Independent, 15, Jack Shough, Baltimore Sun, A. J. Swope, 16, 17, 18, 19, CAI, 20, 21, Alan Fischer & Larry Springfield, do CAI, 22, Acme, Agência de Reajustamento Agrícola, por Pace, FPC, Harris & Ewing, 23, Harris & Ewing, FPG, Acme, 24, PA, 25, Aviação Militar, 26, PA, CAI, 27, Interl, PA, 28, Dick Lohan, PA, 29, PA, 30, Dick Lohan, 31, Semo do México, 32, Click, por Bradley Smith, 33, Paramount, Click, por Bradley Smith, 34, Gusman, Click, por Bradley Smith, 35, Click, por Bradley Smith, 36, Marinha dos Estados Unidos, 37, Marinha dos Estados Unidos, PA, Acme, 38, GAI, FPG, Aviação Militar dos Estados Unidos, Harris & Ewing, 40, Consulado Geral da República de Cuba, Chave das abreviações: CAI, Coordenador de Assuntos Interamericanos, FPG, Freelance Photographers Guild, PA, Press Association, Int'l, International.